

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
ENGENHARIA DE PRODUÇÃO**

CARLOS VITÓRIO DE OLIVEIRA

**AS TECNOLOGIAS EDUCATIVAS: UM ESTUDO DA PRÁTICA
DOCENTE DO CURSO DE ENFERMAGEM**

**FLORIANÓPOLIS
2003**

CARLOS VITÓRIO DE OLIVEIRA

**AS TECNOLOGIAS EDUCATIVAS: UM ESTUDO DA PRÁTICA
DOCENTE DO CURSO DE ENFERMAGEM**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Engenharia de Produção.

FLORIANÓPOLIS
2003

FICHA CATALOGRÁFICA

OLIVEIRA, Carlos Vitório de,

As tecnologias educativas: um estudo da prática docente do curso de Enfermagem / Carlos Vitório de Oliveira. Florianópolis: UFSC, 2003.

84 f.: il

Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) - Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina.

1- Tecnologia. 2- Educação. 3- Enfermagem. I Título.

CDU:

CARLOS VITÓRIO DE OLIVEIRA

**AS TECNOLOGIAS EDUCATIVAS: UM ESTUDO DA PRÁTICA
DOCENTE DO CURSO DE ENFERMAGEM**

Esta dissertação foi julgada e aprovada para a obtenção do título
de Mestre em Engenharia de Produção no Programa de
Pós-Graduação Em Engenharia de Produção da
Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, dezembro de 2003.

Prof. Dr. Edson Pacheco Paladini

Coordenador do curso de Pós-Graduação em
Engenharia de Produção da UFSC

Prof. Dr. Alejandro Martins

Orientador

Prof^a. Dra. Brenda Campos

Tutora de orientação

Prof^a. Dr^a. Sônia Pereira

Examinadora

Prof^a. Dr^a. Ana Frazoni

Examinadora

A Deus, pela sabedoria e oportunidade de concretizar este estudo.

À minha amável esposa, pela ajuda e cooperação nas idéias.

A vida é a essência do ser vivo, uma unidade autopoética, que significa ser capaz de autoprodução, automanutenção, auto-organização e autotransformação em um sistema dinâmico e interdependente com todo seu ecossistema. A esta relação sistêmica podemos chamar de SAÚDE.

Denise Cezar Homem D'EL-Rey

A aprendizagem humana requer descobrir a realidade em um processo de autoconhecimento, identificado variáveis que interagem na rede de relações, que constituem a trama da vida cotidiana, sejam elas biofísicas, psicossociais, econômicas ou metafísicas. Compreendendo a Inter-relação das forças intervenientes no seu viver, o homem se organiza e se transforma, atuando sobre sua realidade. Este processo de compreensão das partes no todo e de transformação social a partir da autoprodução é a educação.

Denise Cezar Homem D'EL-Rey

RESUMO

OLIVEIRA, Carlos Vitório de. **As tecnologias educativas: um estudo da prática docente do curso de Enfermagem. 2003.** Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, UFSC, Florianópolis, 2003.

Trata-se de um estudo com abordagem qualitativa e descritiva, em que foi analisado, na ótica do docente, como as Tecnologias Educativas se apresentam no curso de Enfermagem da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), visando identificar as formas como essas Tecnologias Educativas estão inseridas no processo de ensino do curso referido, bem como compreender e discutir as facilidades e as dificuldades da sua aplicabilidade na construção social da educação na práxis transformadora. Tem-se como sujeitos do estudo doze (12) docentes efetivos do curso de Enfermagem da UESC, que tomam como embasamento o referencial teórico de Nietzsche (2000). Utilizou-se, para coleta de dados, uma entrevista semiestruturada. Como procedimentos, fez-se uso da análise de conteúdo de Bardin (1977): a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação. As falas dos sujeitos possibilitaram a construção das seguintes categorias: Políticas de Ensino e a graduação em Enfermagem; Tecnologia como um conjunto ordenado de conhecimentos empregados na produção e aperfeiçoamento de atividade humana; Tecnologia Educativa como ferramenta pedagógica da produção do conhecimento, da cultura do ensino e da práxis de Enfermagem. Desse modo, procurou-se estabelecer relações que possibilitassem novas explicações e indicações, a fim de fundamentar futuras propostas de mudanças, levando em consideração não só a historicidade mas, também, a ação efetiva dos agentes de Enfermagem, de modo a fazer aflorar condições de toda ordem, embutidas nesse conhecimento e nessa prática, indicando as possibilidades concretas de transformação da realidade.

Palavras-chave: Tecnologia, educação, enfermagem

ABSTRACT

OLIVEIRA, Carlos Vitório de. **As tecnologias educativas: um estudo da prática docente do curso de Enfermagem**. 2003. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, UFSC, Florianópolis, 2003.

One is about a study of qualitative and descriptive boarding, where was analyzed, in the vision of the professor, as the Educative Technologies if they present in the course of Nursing of the State University of Santa Cruz - UESC. Of the UESC and to identify the forms of Having as objective to analyze as the Educative Technologies if they present in the course of Nursing as the Educative Technologies are inserted in the process of education of the related course, aiming at to understand and to argue the easinesses and the difficulties of the applicability of the same ones in the social construction of the education in the praxis transforming. Having as citizens of the study, twelve (12) effective professors of the course of Nursing of the UESC; using the theoretical referential of Nietzsche (2000). Using for collection of data a half structuralized interview. As procedures it was used analysis of content of Bardin (1977): the anticipated analysis, the exploration of the material and the treatment of the results, the inference and the interpretation. The pronunciation of the citizens made possible the construction of the following categories: Politics of Education and the graduation in Nursing; Technology as a commanded set of knowledge used in the production and perfecting of activity human being; Educative technology as pedagogical tool of the production of the knowledge, the culture of the education and the praxis of Nursing. In this way, it was looked to establish relations that made possible new explanations and indications, with intention to base the future proposals of changes, leading in consideration the historicidade but, also, the effectiveness action of the agents of Nursing, in order to make to arise conditions of all order, inlaid in this knowledge and this practical, indicating the concrete possibilities of transformation of the reality.

Key- words: Technology, education, nursing.

SUMÁRIO

RESUMO	7
ABSTRACT	8
1 INTRODUÇÃO	12
1.1 O Problema	12
1.2 Justificativa	16
1.3 Objetivos	18
1.3.1 Objetivo geral.....	18
1.3.2 Objetivos específicos.....	18
1.4 Organização do trabalho	19
1.5 Limitações da dissertação	19
2 REVISÃO DE LITERATURA	21
2.1 Os pressupostos da Tecnologia Educacional	21
2.2 Comunicação educacional na prática docente e a concepção de mundo	21
2.3 Universidade e a Tecnologia Educacional	25
2.4 Educação na Enfermagem	31
2.5 Trabalho da Enfermagem	33
2.6 O saber da enfermagem como tecnologia	37
2.7 Enfermagem e tecnologia na construção do sujeito autônomo	44
2.8 Tecnologia e construção social do sujeito	52
3 METODOLOGIA	57
3.1 Tipo de estudo	57
3.2 Sujeitos da pesquisa	58
3.3 Campo da pesquisa	59
3.4 Procedimento para análise	59
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	63
4.1 As políticas do ensino e a graduação em Enfermagem	63
4.2 Tecnologia e aperfeiçoamento na atividade humana	70
4.3 Tecnologia como instrumento pedagógico	74
4.3.1 Produção da cultura do ensino das competências e das habilidades.....	74
4.3.2 Construção do conhecimento	77
4.3.3 A possibilidade de determinar a práxis de enfermagem	79
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	84
REFERÊNCIAS	88
ANEXO A – Termo de consentimento	91
ANEXO B – ROTEIRO PARA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA	92

1 INTRODUÇÃO

O mundo passa por um momento de grandes transformações sociais, econômicas e políticas. Essas transformações acontecem com uma rapidez ainda não vista em nenhum outro século. O homem que vive nessa sociedade complexa, em contínuas transformações conflitantes e com constantes e permanentes avanços técnicos e científicos diversificados, tem sofrido mudanças em vários aspectos, no âmbito cultural, político e econômico da sociedade. Nesse contexto de um mundo globalizado, a área de saúde, como as demais, também expande seu acesso à informação e ao desenvolvimento, permitindo que sejam realizados tratamentos dos mais diferenciados na formação do homem e na produção de serviço de saúde.

1.1 O Problema

O atual contexto de saúde cria um novo paradigma, fundamentado na lógica de produção social da saúde (perfil epidemiológico) e baseado no trabalho multidisciplinar, tendo como garantia a participação (controle social) dos usuários. Por conseguinte, esse novo modelo exige, ainda, que sejam contemplados diferentes processos de trabalhos, novas metodologias pedagógicas direcionadas para a formação e qualificação de recursos humanos, além de uma participação social efetiva dos trabalhadores da saúde enquanto profissionais e cidadãos comprometidos (OLIVEIRA, 2001).

Essas mudanças de modelos têm causado reflexos em todas as áreas profissionais. Desse modo, novo princípio tem norteado as áreas de formação do ensino, no geral, e os trabalhadores da área da saúde, em particular.

Assim sendo, a necessidade social não tem sido atendida na sua expectativa, havendo uma necessidade de rupturas de paradigmas nas estruturas

dos cursos da área de saúde. Modificando os seus desenhos e os seus formatos, congregando os processos pedagógicos na busca de excelência e novos espaços do pensar e do fazer, para que se facilite a concretização dos serviços de saúde.

Este estudo pretende elucidar as possibilidades das tecnológicas educativas permeadas pelas práticas docentes do curso de enfermagem da Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC. O uso de tecnologias educativas na prática docente pode ser um componente caracterizado por novas metodologias, que podem modificar a forma como os profissionais de enfermagem interpretam e aplicam a informação, ou seja, adquirem novos padrões de compreensão das novas formas de enfrentar as situações vivenciadas e da formação de seus profissionais. Temos a expectativa de que esse trabalho traga reflexão sobre a realidade, tomada de consciência e superação de uma situação pouco satisfatória.

O processo de desenvolvimento de recursos humanos na enfermagem, segundo Nietzsche (*apud* DILY *et al*, 1995), visa à formação, ao acúmulo de capital humano e à sua utilização plena, através de um processo de aproveitamento máximo das potencialidades de cada indivíduo. Geralmente, os recursos humanos são desenvolvidos através da educação formal, de programas de treinamento em serviço, da participação em grupos políticos, religiosos, sociais e culturais e, ainda, do próprio esforço de cada um na busca do ajustamento social e superação individual.

O mesmo autor afirma a incontextualidade do caráter educacional da profissão de enfermeiro, mostrando que muitas de suas ações envolvem situações de ensino-aprendizagem.

O ensino informal permeia toda a atividade de assistência e pode envolver: aconselhamento em situações especiais, ensino ou medidas de higiene, ensino de

cuidados terapêuticos, orientações à família, entre outras. O ensino formal é a educação em enfermagem, visando à habitação de pessoal para o exercício da profissão.

O avanço científico e tecnológico determinou a necessidade de os profissionais buscarem a atualização em vários aspectos da sua formação (ARNDT e HUCKABAY, *apud* NIETZSCHE). Enfatiza que, para desenvolver tecnologias em enfermagem, são necessárias, além do desejo e da necessidade, algumas qualificações intelectuais do profissional, as quais serão determinadas pela:

faculdade de aprender e aplicar conhecimentos, capacidades para ensinar os outros, capacidade para abordar os problemas em seu âmbito científico, isto é, organizarem-se os fatos, considerá-los de forma adequada e colocá-los na perspectiva apropriada, com capacidade para desenvolver uma filosofia própria no sentido de orientar e direcionar atividades administrativas e a sua vida pessoal. (NIETZSCHE, 2000, p. 313).

Ao lado dessa situação, encontram-se iniciativas de muitos enfermeiros que dedicam suas atividades para o avanço científico da profissão, no sentido de acolher estudos e pesquisas a respeito das atuais transformações que a enfermagem vem sofrendo e principalmente suas implicações no campo acadêmico-educacional, desenvolvidas no contexto da saúde, contrapondo ao modelo médico cartesiano-newtoniano. A prática assistencial médica foi sustentada durante muitos anos pelas escolas de enfermagem. Atualmente os profissionais de enfermagem têm buscado sua autonomia no campo da academia e do serviço. Em consequência a esse labor, a enfermagem está adquirindo características próprias para atuar no campo da saúde e das políticas em gerais, e, aos poucos, será considerada como uma ciência, devido às várias especificidades de saber que compreende.

Almeida e Rochal (1986) relatam que o saber da enfermagem é marcado principalmente pelo cuidado de enfermagem que comporta em sua estrutura o conhecimento, corporificado em um nível técnico (instrumentos e condutas) e por

relações sociais específicas, visando assim ao atendimento das necessidades humanas que podem ser definidas como: biológicas, psicológicas, sociais e espirituais.

Com o passar dos anos, a enfermagem vem buscando subsídios para realizar um trabalho baseado no saber. Para Japiassul (1986), o termo “saber” é considerado um conjunto de conhecimentos metodologicamente adquiridos, organizados e susceptíveis de serem transmitidos por processo pedagógico de ensino. A produção e a organização do saber profissional são processos de domínio e de legitimação de classe, onde o controle e direcionamento da dinâmica social são imprescindíveis.

O saber da enfermagem perpassa pela construção do saber em saúde, e na nossa sociedade vem historicamente sendo caracterizado pela desarticulação entre o saber acadêmico e aquele que emerge do exercício da prática assistencial. Esta desarticulação guarda relação com o distanciamento existente entre o trabalho intelectual e o manual, características que predominam na atual formação social brasileira.

O saber acadêmico deriva de teorias que não contemplam a realidade social do país, acentuando, com isso, o distanciamento entre a academia e o serviço (EGR4 *et al*, 1992).

Do ponto de vista curricular, é provável que precisemos de profundas transformações com vista no estreitamento do processo educativo (escola-academia) e o serviço. Concomitante a essas transformações, é necessário um desnudar dos paradigmas vigentes, onde estes necessitam ser reestruturados para melhor atender as necessidades dos clientes, proporcionarem uma melhor atuação do profissional da enfermagem e fazer com que ele atinja sua autonomia.

A atuação desse profissional da área da saúde perpassa pelo saber corporificado da enfermagem e da tecnologia educacional, que pode servir de instrumentos para melhor lutar.

Assim, o termo “tecnologia educacional” está relacionado à formação profissional, não apenas como meio de melhorar a eficiência dos sistemas educacionais, mas principalmente como ferramenta pedagógica efetivamente a serviço da formação do indivíduo autônomo, que poderá, entre outras coisas, transformar a nossa realidade sanitária.

Tonolli e Nagel (2000) constataam a problemática sanitária e a necessidade de saúde para a população não atendida, colocam em cheque uma prática social e impulsionam pesquisas nas mais variadas direções. Estimulam estudos sobre sistemas de saúde complexos, tecnificados, curativos, excludentes, desumanizados e salientam os compromissos da enfermagem com a sociedade em geral, sendo a informação considerada básica para a constituição de um novo profissional.

A respeito da tecnologia, Nietzsche utiliza a tipologia tecnologia emancipatoria

como a apreensão e a aplicação de um conjunto de conhecimento e pressupostos que, ao serem articulados técnica e eticamente, possibilitam aos indivíduos pensar, refletir, agir, tornando-os sujeitos do seu próprio processo existencial, numa perspectiva de exercício de consciência crítica e de cidadania, tendo como condição a possibilidade de experienciar a liberdade, a autonomia, a integridade e a estética, na tentativa de buscar qualidade de vida, de modo que os envolvidos (profissionais e clientes) possam encontrar a auto-realização. (NIETZSCHE, 2000, p. 21-22).

1.2 Justificativa

O saber da enfermagem como tecnologia, dentro da área de filosofia em saúde, carece de reflexões no sentido do resgate das relações, tanto do profissional,

como da clientela e da comunidade, buscando suporte para a compreensão da realidade.

Há que se refletir também sobre o comportamento dos docentes do curso de Enfermagem com relação à formação do enfermeiro, a preocupação dos docentes em cumprir a função social e como eles estão caracterizando essa função.

Ao refletir acerca da formação acadêmica do profissional de enfermagem, certamente iremos encontrar uma série de lacunas. A investigação do seu processo de ensino deve possuir como base uma revisão dos pressupostos teóricos que sustentam a atual formação. Assim, o estudo da sala de aula e das aulas práticas de enfermagem necessita estar relacionado com a qualificação desse profissional como usuário de tecnologias educacionais, o que não caracteriza apenas um problema de natureza técnica, mas também política e ideológica.

Leituras de dissertações de mestrado apresentadas por docentes do curso, que tiveram como objeto de estudo o currículo e as práticas dos egressos, discussões com colegas sobre a temática, pressupostos teóricos da formação do enfermeiro, distorções entre a teoria e a prática da profissão. Essas experiências nos referendaram os seguintes questionamentos: De que maneira está acontecendo a formação do nosso profissional enfermeiro? Para onde está caminhando o ensino da enfermagem? É preciso promover mudanças? Como estamos ensinando e aprendendo nessa sociedade? Corresponderá esse profissional à demanda e expectativa da sociedade? Nessa perspectiva, a construção desse trabalho tem como primícias conduzir ao leitor para uma reflexão acerca dos desafios de ensinar e educar com qualidade, para formação acadêmica e a práxis do enfermeiro, com vista a perceber a essência da formação profissional e a conscientização do indivíduo sobre seu papel enquanto cidadão. Acreditamos também que a relevância

desse estudo e seus resultados poderão contribuir para o curso de Enfermagem que hora foi estudado, sinalizando novas alternativas na organização de uma série de atividades didáticas e pedagógicas para facilitar a compreensão de áreas específicas do conhecimento e ter uma visão de corpo de conhecimento. Ainda, aprender a integrar todas as dimensões da vida, a encontrar nosso caminho intelectual, emocional, profissional, que nos realize e que contribua para modificar a sociedade que temos.

Diante dessas considerações, faço a seguinte indagação para esse estudo: Como são desenvolvidas as novas possibilidades de tecnologias educativas para o educando de enfermagem?

Com o intuito de buscar respostas para esse questionamento, destacamos, a seguir, os objetivos deste estudo.

1.3 Objetivos

1.3.1 Objetivo geral

Analisar como as tecnologias educativas se apresentam no curso de enfermagem da UESC.

1.3.2 Objetivos específicos

Identificar as formas de como as tecnologias educativas estão inseridas no processo de ensino do curso de Enfermagem da UESC.

Compreender e discutir as facilidades e dificuldades da aplicabilidade das tecnologias educativas na construção social da educação na práxis transformadora.

1.4 Organização do trabalho

A presente dissertação foi desenvolvida e estruturada em cinco capítulos.

Na introdução, aborda-se o tema da dissertação, formula-se o problema, justificando a sua relevância teórica e os objetivos a serem atingidos. Baseado nas informações do capítulo introdutório, passou-se a desenvolver os demais capítulos.

No capítulo segundo, discorre-se sobre os fundamentos teóricos evidenciando os pressupostos da tecnologia educacional aplicada aos cursos de Enfermagem, e fundamenta-se o processo educacional no ensino da enfermagem a partir dos fatores que contribuem para a formação profissional.

O terceiro capítulo apresenta a metodologia aplicada no estudo, enfatizando o estudo de caso.

No capítulo seguinte são expostos os resultados da pesquisa, bem como demonstrados os vários fatores que compõem as relações de ensino e aprendizagem na enfermagem.

No quinto e último capítulo, são apresentadas as conclusões e as recomendações para novas pesquisas oriundas deste trabalho.

1.5 Limitações da dissertação

Um dos fatores limitantes do estudo é o fato de a pesquisa estar circunscrita a uma instituição, numa época e situação específicas.

O trabalho utiliza como metodologia a pesquisa qualitativa e acha-se fundamentado num estudo de caso, que analisa a forma como as tecnologias educativas estão sendo inseridas no curso de enfermagem da UESC.

A pesquisa, por isso, não pressupõe a generalização de seus resultados. Portanto, dentro do rigor científico, eles são válidos tão-somente à instituição

pesquisada, dada a limitação do contexto espaço-temporal em que o estudo foi desenvolvido e os dados coletados.

A investigação de problemas atuais, via de regra, é afetada por ambientes em constantes mudanças, desenvolvida, ainda, no recorte de uma dada realidade – que se modifica permanentemente – e analisada e interpretada à luz de um determinado referencial teórico, sendo influenciada, também, pela subjetividade e experiência do pesquisador.

Este estudo trata especificamente dos resultados obtidos na análise do modo como as novas tecnologias educativas estão sendo integradas ao curso de Enfermagem da UESC. Dessa maneira, tornam-se claras as restrições as quais está submetido este estudo, que enfoca a tecnologia educacional, em uma determinada área e instituição. A diversidade de perspectivas para as quais podem rumar esta pesquisa poderá ser evidenciada em futuros trabalhos.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Os pressupostos da Tecnologia Educacional

Para Debrey (1997), as novas tecnologias de comunicação no processo educativo apresentam alguns pressupostos de central relevância:

- as novas tecnologias aplicadas ao processo educativo escolar, alicerçadas na lógica do lucro e do mercado, não se constituem em um determinismo natural, mas é produzida social e historicamente;
- a obviedade de que as tecnologias de comunicação, aplicadas à prática docente, são permeadas por relações políticas, culturais e ideológicas, no processo de construção social da educação, na sua práxis transformadora, numa sociedade de classes;
- a convicção de que a tecnologia de comunicação nas atividades educacionais está consciente ou inconscientemente relacionada a uma concepção teórico-metodológico-pedagógica;
- a questão do uso de tecnologia educacional não se reduz ao dualismo reducionista da resistência crítico-reprodutivista, tampouco à defesa ingênua de uma visão unidimensional do tecnicismo privatista, mas a disputar concretamente o controle hegemônico do progresso técnico, do avanço do conhecimento e da qualificação, arrancá-los da esfera privada e da lógica da exclusão e submetê-los ao controle democrático da esfera pública para potenciar a satisfação das necessidades humanas (FRIGOTTO *apud* DEBREY, p. 2001997).

2.2 Comunicação educacional na prática docente e a concepção de mundo

O uso de tecnologias de comunicação em educação para Debrey (1997) não se constitui em um ato neutro. Dependendo da concepção político-filosófico-pedagógico, pode-se constituir em um instrumento de controle social, como também na construção da autonomia e na consciência crítica do corpo discente e docente, na produção do conhecimento e na formação de uma cidadania participativa.

A educação, independente das referidas tecnologias, não se exime de certos limites em uma sociedade de classes:

na escola capitalista, os alunos encontram-se expropriados do processo de trabalho pedagógico, e o produto do trabalho não chega a ser apropriado

por uma boa parte dos mesmos; e ainda que, em alguns casos, fique em seu poder, carece de sentido para eles; [...] o aluno é alienado do processo e como tal é alienado do significado de seu trabalho, do significado do conhecimento que produz - quando produz; [...] a expropriação do aluno do processo pedagógico é amplificada no interior da escola, envolvendo a própria expropriação da gestão da escola. (FREITAS *apud* DEBREY, 1997, p. 204).

Outros obstáculos concretos são as diretrizes curriculares oficiais, a organização do aparelho burocrático escolar, o corporativismo político e as instâncias tecnoburocráticas que limitam os espaços das atividades acadêmicas.

Apesar de todas as injunções políticas, ideológicas e culturais, não podemos prescindir das ferramentas tecnológicas de comunicação na prática docente, que devem ser balizadas não apenas nos aspectos técnicos, mas, fundamentalmente, nos valores éticos, culturais, sociopolíticos e pedagógicos de nossa realidade e na ocupação de espaços abertos pelas contradições da educação na escola capitalista, erigindo na práxis educativa uma contra-hegemonia a partir das bases acadêmicas e da sociedade, na dinâmica política de seus conflitos.

Apoiando-se em teses do educador Enguita, em livro que analisa a avaliação escolar, Gama sustenta que:

a todo o momento se vêem os componentes da comunidade escolar, no mínimo, criando intramuros uma história ativa, dinâmica e dialética. Todas as tensões, conflitos e contradições surgidas da luta entre expectativas diferentes, não coincidentes em seus desígnios originais, impõem à escola certas transformações (GAMA *apud* DEBREY, 1997. p. 205).

É relevante, neste processo de transformações e conflitos, não fazermos abstração da realidade, mas termos consciência concreta dos novos parâmetros educacionais, das forças dominantes globalizadas e neoliberais. Por isso é importante que se repense o

programa de qualidade total, o sistema de avaliação com avaliação de desempenho, a competição, sistema de controle de qualidade, [...] e o currículo básico: objetivos, conteúdos, metodologias e avaliação ou habilidades cognitivas e competências sociais. [...] prisma da eficiência, competitividade empresarial, mercado educacional, valorização das ciências

básicas e tecnologias, educação à distância, ensino tecnológico e educação profissional, privatização, centralidade da educação básica e da educação profissional, foco no processo ensino-aprendizagem (DOMINGUES *apud* DEBREY, 1997, p. 205).

Em relação aos objetivos da educação, levando-se em consideração o seu caráter social e o uso de novas tecnologias em educação, devemos nos:

preparar para o processo produtivo e para a vida em uma sociedade técnico-informacional; para a formação da cidadania crítica e participativa e a formação ética e solidária; [...] essas metas devem ser resgatadas como dimensão do trabalho docente e do projeto pedagógico, frente às necessidades do mundo contemporâneo. (OLIVEIRA *apud* DEBREY, 1997, p. 206).

A questão da postura política na vida, na sociedade e no mundo, e não apenas especificamente em relação ao uso de tecnologias de comunicação em educação, proposto pelo educador Freitas (*apud* DEBREY, 1997), é postulado também por Luckesi (*apud* DEBREY, 1997), quando analisa:

os conteúdos escolares, sua seleção e direcionamento dependem de uma tessitura teórico-metodológica que, por sua vez, está articulada com uma concepção filosófica de mundo, e, no caso, com uma concepção filosófica de educação. (LUCKESI *apud* DEBREY, 1997, p. 206).

A qualidade técnica, teórica e política da inserção destas novas tecnologias serão assinaladas pela concepção teórico-pedagógica posta em prática no processo contraditório da educação numa sociedade de classes.

No discurso da pós-modernidade, há tanto pragmatismo na sociedade pós-industrial que não escapa nenhuma atividade humana na sociedade e na política. Na pós-modernidade,

a matéria e o espírito se esfumam em imagens, em dígitos num fluxo acelerado. A isso os filósofos estão chamando de desreferencialização do real e dessubstancialização do sujeito, ou seja, o referente (a realidade) se degrada em fantasmagoria e o sujeito (o indivíduo) perde a substância interior, sente-se vazio. (SANTOS *apud* DEBREY, 1997, p. 206).

O que isto significa, na prática político-social e no processo do conhecimento crítico do real? Entre outras coisas, a alienação do sujeito, a instrumentalização da

razão, ou, ainda, a retificação e a ideologização das relações sujeito-objeto, a não-consciência crítica do real. É nesse contexto vazio de representação e consciência críticas do social-histórico que o discurso da pós-modernidade neoliberal penetra em seus temas, regras e categorias, homogeneizando as consciências individuais e sociais, persuadindo na globalização do mercado, do consumo, da competitividade e da eficiência, reduzindo o real e o imaginário social aos ditames universais do capital e de sua reprodução. A esse processo, denomina-se de:

coisificação de umas relações entre os homens, ou seja, descreve-se o caráter fetichista dos objetos (mercadoria, dinheiro e capital) em que as citadas relações se objetivam ou materializam. (VÁSQUEZ *apud* DEBREY, 1997, p. 207).

A pós-modernidade neoliberal tenta, pois, diluir o sujeito, a razão, a história e a totalidade. Na ausência de novos ideais e de projetos históricos e sociais, a ela se impõem, com o neoconsumismo, valores de trocas e tecnologias reificadas como verdades universais e absolutas.

Frigotto (*apud* DEBREY, 1997), analisa a crise estrutural do capitalismo e suas respectivas mutações sistêmicas, expressando a questão da crise do capital e a metamorfose conceitual no campo educacional. Segundo Chauí (*apud* DEBREY, 1997), na esfera teórica, a crise “traduz-se” no conflito da razão instalada pela negação de alguns elementos primordiais:

que haja uma esfera da objetividade, e, em seu lugar, o surgimento do subjetivismo narcísico; que a razão possa captar uma certa continuidade temporal e o sentido da história, surgindo em seu lugar a perspectiva do descontínuo, do contingente e do local; a existência de uma estrutura de poder que se materializa através de instituições fundadas, tanto na lógica da dominação, quanto da liberdade e, em seu lugar, o surgimento de micro-poderes que disciplinam o social; e, por fim, a negação de categorias gerais, como universalidade, objetividade, ideologia, verdade, tidos como mitos de uma razão etnocêntrica e totalitária, surgindo em seu lugar a ênfase na diferença, alteridade, subjetividade, contingência, descontinuidade, privado sobre o público. (DEBREY, 1997, p. 208)

Evidencia-se, assim, o forte conteúdo ideológico do novo discurso do sistema hegemônico no planeta. A ideologia do fim da história (Fukuyama), alicerçada na deturpação interpretativa da filosofia Hegeleana, expressa a vontade política e ideológica das forças dominantes em obstacularizar uma possível alternativa contra-hegemônica das classes subalternas (GRAMSCI *apud* DEBREY, 1997).

O uso de tecnologias de comunicações na prática docente da sociedade contemporânea, ou melhor, na pós-modernidade pós-industrial do neoliberalismo capitalista, não se reduz ao dualismo reducionista da resistência crítico-reprodutivista, e tampouco na defesa ingênua de uma visão unidimensional do tecnicismo privatista; ao contrário, ele busca:

disputar concretamente o controle hegemônico do progresso técnico, do avanço do conhecimento e da qualificação, arrancá-los da esfera pública para potenciar a satisfação das necessidades humanas. (FRIGOTTO *apud* DEBREY, 1997, p. 208).

Esta postura, na concepção teórico-metodológica de uma pedagogia crítico-histórico-dialética, deve nortear o nosso trabalho docente diante da nova reestruturação econômica numa sociedade técnico-informacional, objetivando a nossa emancipação social e o resgate dos valores éticos e de solidariedade humana.

2.3 Universidade e a Tecnologia Educacional

As tecnologias de comunicação, em educação ou não, na lógica capitalista da globalização, generalizam prioritariamente um “padrão racional, para aparecer como totalidade” (MAAR *apud* DEBREY, 1997, p. 209). Elimina-se a gênese e o processo de contradição social e histórica da exclusão no sistema capitalista, numa visão abstrata de que o excluído (“ser não-global”) poderia ser incluído numa “razão

global”, expressando um determinismo lógico, ou melhor, na ideologia da liberdade individual econômica competitivo-pragmática da economia de mercado, num darwinismo social.

Esta concepção pedagógica de mercado no uso de tecnologia em educação não significa que devemos descartar a categoria tecnologia-educação. Pelo contrário, negar o progresso tecnológico nas atividades sociais e econômicas, bem como na prática docente do ensino e da produção do conhecimento, contribuiria para um contra-senso histórico. Em tese, as tecnologias de comunicação seriam a conquista do homem sobre a natureza e o seu progresso técnico-social e humano. É positiva a superação de tecnologias obsoletas e de formas de organização de trabalho escravizantes e alienadas. O que se questiona é a concepção dominante na instrumentalização das forças produtivas e em suas relações sociais de exclusão e barbárie. É imprescindível uma visão de sentido ético, englobando a dignidade humana e justiça social. É, portanto, vital o controle social da ciência e da tecnologia, em suas formas e conteúdos, como um processo político contra-hegemônico à lógica privatista.

Nesse contexto, não há como dissimular que as tecnologias em educação – como em todas as atividades e, em especial, na prática docente – coexistam-se na interação com a economia política. Como assinalamos, não há neutralidade no progresso técnico e/ou em nenhuma atividade humana. Dessa forma, a tecnologia em educação é, portanto, uma categoria relacional, com suas imbricações políticas, econômicas, ideológicas e culturais.

A prática docente nas universidades brasileiras, em relação ao papel das tecnologias de comunicação – num momento em que a força interativa da Internet solapa o reinado da TV –, não conseguiu apreender uma “cultura audiovisual” para o

cotidiano de nossas atividades acadêmicas. Essa postura polêmica de Nelson de Luca Pretto, educador-pesquisador, não titubeia ao assinalar que “as universidades estão presas à chamada cultura de Gutemberg, em que a oralidade e a palavra escrita são seus marcos mais fundamentais”. (PRETTO *apud* DEBREY, 1997, p. 209).

A construção de uma cultura audiovisual em educação não se refere à instituição de novas disciplinas de caráter tecnológicas.

Segundo Pretto (*apud* DEBREY, 1997),

trata-se, diferentemente disso, de desenvolver um trabalho que considere o conjunto de professores, pesquisadores, alunos, como imersos nesse mundo audiovisual e que essas questões, portanto, passem a fazer parte do cotidiano universitário como parte dessa cultura e não como mais uma técnica – ou tecnologia – que precisa ser apreendida; [...] como um passo significativo para a aproximação da universidade e por extensão das escolas nos demais níveis com o mundo externo a ela; um mundo, como já foi enfatizado, de imagens, comunicação e informação. (DEBREY, 1997, p. 210)

Apesar da ênfase dada à necessidade de uma cultura audiovisual nas universidades, o mesmo auto, contesta o sistema educacional vigente. Na verdade,

poderíamos ir mais longe e até afirmar que a questão não é de política audiovisual, mas de uma nova política educacional para as universidades brasileiras; [...] deve-se repensar as suas práticas de ensino, de pesquisa e de extensão universitária, indissociáveis, e que podem constituir-se em importante substrato para uma maior compreensão da realidade deste final de milênio e para a formação dos novos seres humanos que possam viver plenamente o futuro que se aproxima (PRETTO *apud* DEBREY, 1997, p. 210).

A pesquisa de Pretto sobre o uso de multimídia nas universidades brasileiras, apesar de seu pioneirismo na área, trabalha uma tessitura teórico-metodológica mais impregnada de dúvidas do que de compreensão, quando considera positiva a “incorporação dos novos valores da sociedade” e a “integração de novas tecnologias à educação”, sem questionar que a realidade educativa/social é contraditória, em suas difusas relações políticas e ideológicas, na disputa

hegemônica do poder, em uma sociedade de classes. O seu mérito está em problematizar e polemizar um tema que as universidades timidamente começam a admitir como necessário, diante da concretude de seus efeitos nas forças produtivas e suas implicações no processo educativo.

A dimensão da categoria tecnológica de comunicação, no processo da prática docente poderá possuir um conteúdo de caráter crítico-criativo ou de reificação. Isso vai depender, segundo Luckesi (*apud* DEBREY 1997), da concepção teórico-metodológica do educador e da aplicabilidade dos procedimentos técnicos pertinentes. Por isso é importante

identificar que há uma comunicação determinada na postura metodológica assumida pelo professor em sala de aula e discutir sobre a sua não-neutralidade frente aos objetivos educacionais pretendidos. (SILVA *apud* DEBREY, 1997, p. 211).

Na abordagem comunicação-docência, o educador Paulo Freire distingue a comunicação humanista-crítica da comunicação extensionista, destacando que

a comunicação humanista na docência tem uma visão crítica do homem concreto e baseia-se na ciência e não na “doxa”; [...] no extensionismo não há mediação, é próprio dos meios de comunicação de massa, não é um processo educativo-libertador. (FREIRE *apud* DEBREY, 1997, p. 211).

Portanto, a comunicação-docente, na sua dimensão formal (técnica) e formação crítica e participativa da cidadania (política), segundo Paulo Freire, acontecem simultaneamente com um significado significativo mediador dos sujeitos e dos conteúdos (convicções) do conhecimento, (experiências vivenciadas no processo), na perspectiva crítica, questionadora e emancipatória.

A multimídia¹ na educação, na concepção do educador Lima (*apud* DEBREY, 1997), concebe que a Internet não significa apenas um instrumento de

¹ ¹ “A multimídia é uma aplicação gerenciada pelo computador, que interage com o usuário, fazendo uso simultâneo de diversos meios: áudio, imagens estatísticas ou em movimento, gráficos e texto. Por isso, ela é

trabalho didático-pedagógico, mas é “representante de uma cultura tecnológica em gestação”, modificando a forma de pensar, o conceito de tempo/espaço, relações intersubjetivas no cotidiano e no trabalho pedagógico atual, destacando a concepção da hipertextualidade:

um hipertexto, tecnicamente, é um conjunto de nós ligados por conexões; os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos ou partes de gráficos, seqüências sonoras, documentos complexos que podem eles mesmos ser hipertextos (LIMA *apud* DEBREY, 1997, p. 212).

Em entrevista à Folha de São Paulo (*apud* DEBREY, 1997), Lima salienta que a hipertextualidade, no caso das novas tecnologias em educação, “problematiza a tradicional prática pedagógica. A interatividade e a intuição ganham peso maior nos processos de ensino-aprendizagem e a dicotomia ensino formal e ensino informal perdem o sentido”. Segundo o autor, “seu principal questionamento é a determinação, pela administração, de como deve ser usada a nova tecnologia, quando impõe um princípio de experimentação”.

A gestação desta cultura tecnológica nas atividades acadêmicas insere-se – conforme abordamos neste trabalho – no novo paradigma da sociedade do conhecimento do capitalismo globalizado e neoliberal. As novas reformas educacionais, propostas pelo Estado, caminham nessa direção:

a centralidade do conhecimento como eixo das políticas de educação precisa ser mais bem compreendida; [...] permanece em aberto o desafio fundamental das políticas educacionais na América Latina: como implementar uma ação capaz de enfrentar os mecanismos de exclusão da ordem social capitalista? O discurso, centrado na necessidade de mudança do paradigma do conhecimento, não tem sido suficientemente claro na indicação dessa solução. A ênfase na equidade, na qualidade e na implementação de novas formas de gestão fica esvaziada, entre outros motivos, pela sobreposição da centralidade do conhecimento sobre o conjunto das ações humanas. A própria noção de conhecimento é empobrecida, ao se confundir conhecimento com informação, conhecimento

bastante diferente das outras mídias: além de ver como no material impresso, de ver e ouvir como no vídeo, o usuário tem a possibilidade, na multimídia, de ver, ouvir e agir”. (COUTINHO *apud* DEBREY, 1997, p. 213).

com instrumentalização da ação, conhecimento com a emergência do saber imediato e útil (MIRANDA *apud* DEBREY, 1997, p. 212 e 213).

A autora Miranda chama-nos a atenção para o conteúdo dos documentos de Jomtien e da CEPAL, no que se refere à ênfase dada às necessidades básicas de aprendizagem, como “necessidades individuais e não como necessidades do sistema social” (*apud* DEBREY, 1997, p. 213), e apóia-se no seguinte argumento: “[...] necessidades/interesses das pessoas e necessidades/interesses sistêmicos aparecem como sendo coincidentes e/ou complementares, e não como o que são: contraditórios”. (TORRES *apud* DEBREY, 1994, p. 213).

Backes *et al* (2002) salienta que o homem, sem dúvida, é um ser que busca constantemente crescimento e aperfeiçoamento, vivencia tamanhos progressos científicos, culturais e sociais, intensificados pela intensa explosão tecnológica e globalizante.

Entretanto, a conquista do conhecimento precisa acompanhar etapas formais, no ensino fundamental, médio e pela formação profissional, que encontra lugar na Universidade. É na universidade que desenvolve e aprimora valores relacionados à vida profissional e pessoal. Através da busca do conhecimento científico, encontram-se condições para o desenvolvimento da consciência e do seu papel enquanto cidadão. Vale destacar que esse processo de formação não deve se encerrar no momento de conclusão de um curso, mas deve continuar por toda a vida do indivíduo. Essa perspectiva deve surgir no bojo da formação profissional que resulte em comprometimento com a sociedade (BACKES *et al*, 2002).

Daí, a relevância da práxis transformadora na educação em suas dimensões técnico-científica e política (formação da cidadania participativa), objetivando a construção social de uma universidade crítico-criativa, produtora do conhecimento, do ensino-pesquisa, que seja plural, competente, atual e emancipatória.

2.4 Educação na Enfermagem

A enfermagem moderna brasileira, nascida com a criação da sua primeira escola – Ana Néri, em 1923 –, a partir dos anos 50 começa, através de uma produção mais sistemática, a manifestar interesse pela realidade da saúde no Brasil, assim como a expor dúvidas quanto à formação de seus profissionais. Principalmente depois da década de 1970 a produção de pesquisas aumentou significativamente, tais estudos visavam a refletir sobre a realidade, tomar consciência, superar uma situação considerada pouco satisfatória quanto aos serviços de saúde e se propunham a elevar a qualidade de vida das pessoas através de programas e de medidas de assistência e prevenção das doenças (TONOLLI E NAGEL, 2002).

Silva (2002), sobre a construção social do conhecimento da enfermagem, relata que esta é uma área de atuação profissional implantada a partir da segunda década do século XX e consolidada, ao longo de cerca de oitenta anos, como resultado do trabalho competente, perseverante e dedicado de milhares de pessoas e instituições comprometidas com o desenvolvimento intelectual, político, ético e econômico-social do conjunto de profissionais e da prática de enfermagem, tendo em vista a oferta de serviço de enfermagem de qualidade, acessível a todas as pessoas, grupos e classes sociais que demandam por ações/cuidados no campo da promoção e proteção à saúde, prevenção e identificação precoce de doenças, no tratamento dos agravos à saúde, na reabilitação e no contexto da produção de serviços de saúde no Brasil.

Vieira (1977), afirma que todos os enfermeiros e as demais pessoas têm algumas idéias que expressam sobre a natureza da enfermagem, e muitas definições escritas e discutidas refletem o sistema de valores e a experiência de

cada um relacionada com a profissão, situada no tempo e no espaço. A autora comenta ainda que a enfermagem não possa limitar ao cuidado físico do paciente, ela precisa ver o homem como um todo, em sua entidade física, psíquica, social e espiritual. O paciente é uma unidade que reage através de seu corpo, sua mente, e suas emoções, é um ser com um conjunto de valores, sonhos, ideais e necessidades.

O propósito de todas as atividades de enfermagem é ajudar o indivíduo, em particular, e a comunidade, em geral, nos três grandes aspectos da vida: preventivo, curativo e de reabilitação. Sua função social assumiu também a responsabilidade de preservar a saúde e fomentá-la. Seu conceito não é estático, senão sensível às forças que atuam sobre a sociedade.

Para Vieira (1977) o enfermeiro na sua função social deve assumir seu papel como agente de mudança, implicando para que a enfermidade, o sofrimento, a desnutrição, a situação sócio-econômica desfavorável à saúde física e moral não tornem o homem “menos homem”.

Nessa perspectiva, a autora reconhece que as escolas de enfermagem têm conhecimento do grande déficit do enfermeiro na maioria das comunidades, fato que tem resultado na marginalização do cuidado do paciente. Todavia, tem consciência do que significa a necessidade de bons profissionais para satisfazer as exigências da profissão. Assim, tem sido uma preocupação dessas escolas a maneira como tornar mais efetivo seu esforço educativo, para que o enfermeiro se sinta realizado pessoal e profissionalmente, uma vez que suas ações envolvem também situações de ensino-aprendizagem de modo a poder melhor servir.

2.5 Trabalho da Enfermagem

Segundo Leopardi (1999), a Enfermagem Moderna, ao evoluir de uma atividade voltada quase que exclusivamente à prestação de cuidados caritativos, com maior ênfase à salvação da alma – tanto do assistido como de quem o assistia – do que à cura, propriamente dita, ocasionou significativas modificações em sua prática finalidade. Tais mudanças deram-se tanto em resposta ao projeto social de cura – no qual, com a implantação do capitalismo, a vida do homem, como investimento e força de trabalhos necessários à industrialização, adquire um valor diferenciado, devendo ser, portanto, recuperada e curada da doença – como também às transformações na finalidade do próprio trabalho médico (por sua vez respondendo, também, a esse projeto social de cura), instalando-se, assim, um trabalho coletivo em saúde.

Dessa forma,

A enfermagem nasce várias vezes, de modos diferentes, e caminha na história junto com ela {medicina}, aparecendo como pode, subsistindo através de transformações da sociedade, correspondendo às necessidades que dela assomam, assimilando mudanças que não a tornaram somente um 'ato de cuidar' moral, mas a transformaram numa atividade profissional e seus exercentes em trabalhadores que, vendendo sua força de trabalho, submete-se às condições gerais do mercado de trabalho (LEOPARDI, 1991, p. 13).

Lunardi (1999) cita que a Enfermagem Moderna, desde sua concepção e institucionalização, já adotara a divisão técnica do trabalho, um caráter fragmentário, fundamentado na diferenciação de origem social, saberes e práticas. Tais fatos deram um caráter hierárquico à profissão, além de coletivo.

Essa forma de divisão deu-se, principalmente, em atenção às diferenças de classe e para possibilitar a expansão dos interesses capitalistas no setor saúde. No decorrer do tempo e à medida que ocorreram os avanços técnico-científicos e a conseqüente parcelização da medicina, em suas várias especialidades, a

enfermagem foi chamada a incorporar inúmeras funções manuais, antes do domínio da medicina, tidas, porém, como subordinadas ao trabalho médico.

Por outro lado, a enfermagem, concebida como prática social, historicamente estruturada e socialmente articulada, não deve ser vista, apenas, como a prática técnico-científica produtora de um conhecimento linear sobre o “cuidar”, no sentido de como realizá-lo cada vez melhor, bem como organizá-lo e administrá-lo mais lógica e racionalmente. Ela é constitutiva das práticas sociais em geral e das práticas de saúde em particular, caracterizando-se como um trabalho em saúde, portanto, como parte de um processo coletivo, composto de áreas técnicas específicas como a Medicina, a Odontologia, a Farmácia, o Serviço Social, entre outras. Como trabalho, portanto a enfermagem é parte desse coletivo, constituindo um conjunto complementar e interdependente referido ao todo.

Devido à sua especificidade, a assistência de enfermagem contribui para a integralidade da assistência à saúde, tanto no modelo de saúde individual quanto no de saúde coletiva, os quais, por sua vez, são partes complementares de um mesmo trabalho.

Cabe salientar, ainda, que a enfermagem contém um processo, no qual diferentes categorias compartilham parcelas de trabalho, configurando-se ela própria como trabalho coletivo, o que não ocorre com outras profissões da saúde.

A enfermagem, em decorrência da divisão social e técnica do trabalho, na qual os agentes se multiplicaram, constituem uma prática heterogênea, realizada por diferentes categorias com formação escolar que vai do nível elementar ao superior (LUNARDI *apud* ALMEIDA *et al*, 1989; ALBUQUERQUE, 1989; CASTELLANOS *et al*, 1989).

Tal configuração confere à enfermagem uma característica de serviço especializado e coletivo, mas que não produz valor direto. Como trabalho coletivo, ocorre por distribuição de parcelas entre seus diferentes agentes, por meio de operações hierarquizadas, divididas por complexidade de concepção e execução, bem ao gosto do modo de produção capitalista e em atenção aos preceitos da organização científica do trabalho. Habilidades diferenciadas, portanto, são exigidas de seus agentes para manejo de instrumentos, métodos e processos.

Dessa forma, surgem as necessidades de controlar a utilização desses instrumentos, métodos e processos e de imprimir unidades a esses trabalhos parciais. Tais necessidades corporificam-se em um desses agentes, que assume as atividades gerenciais, supervisionando direta e continuamente os trabalhadores e o processo no todo. Na enfermagem, a responsabilidade intelectual do trabalho (pelo menos idealmente) fica a cargo do enfermeiro e a manual é executado por diferentes trabalhadores da equipe de enfermagem, dentre eles, o próprio enfermeiro.

Por outro lado, atividades mais especializadas exigem um trabalhador mais bem preparado técnica e intelectualmente para cumprir uma dupla função: promover a unidade e organização desse trabalho coletivo da enfermagem e ser recurso para a sua fase intelectual, planejando-o ou desenvolvendo novos processos, métodos e instrumentos materiais. Tal característica exige formação diferenciada e se apresenta como um fator para o desenvolvimento e manutenção da hierarquia na enfermagem.

Entretanto, apesar de seu preparo para assumir, no conjunto do trabalho em saúde, um trabalho mais intelectual e mais complexo, o enfermeiro parece que tem permanecido ou se percebido sujeito ao trabalho médico (LEOPARDI, 1989), pelo menos representacionalmente, não se permitindo nem mesmo desejar o acesso ao

exercício do poder que socialmente seria esperado de um profissional de nível universitário.

Sendo assim, a enfermagem aparece como uma prática cuja lógica de funcionamento a representa como de caráter dependente, principalmente, por força de seu desenvolvimento histórico-social e, especialmente, por incorporar as características do modelo clínico-biologicista, com sua tendência ao fortalecimento da posição da medicina como a autêntica detentora do rigor e saber científico, em contraposição às demais ciências da saúde.

Em sua forma de aparecer, a enfermagem, tanto no processo de “cuidar” como no processo de “administrar”, pertence a uma esfera de trabalho mais ampla: a saúde. O estudo do processo de trabalho da enfermagem implica numa necessária articulação com o trabalho médico, uma vez que há uma marcante interdependência do trabalho técnico-assistencial que realizam. E, também, porque, no âmbito das relações sociais, tanto a enfermagem como a medicina sustentam-se, mutuamente. Em outras palavras:

Ambas manifestam qualidades necessárias para o encaminhamento do processo mais geral do trabalho de assistência à saúde, ainda mais que atuam efetivamente sobre um ‘objeto’ comum, ou seja, os corpos dos indivíduos (no caso da saúde individual) e, em sua base, a finalidade idealizada para suas ações tem sido a mesma - o restabelecimento da saúde - no seu sentido restrito, enquanto condição para uso da força física para a realização do trabalho (LEOPARDI, p. 41991).

Portanto, o processo de trabalho da enfermagem revela, essencialmente e na medida do possível, fatos que indicam pontos de contato, sejam de coordenação ou de subordinação e, se existentes, os espaços onde se possa movimentar com certo grau de autonomia.

Àqueles que exercem a enfermagem, tanto enfermeiros como as demais categorias de profissionais, embora desempenhem muitas tarefas que

interdependam de determinações da prática médica, não devem necessariamente ser vistos como subordinados a tal prática. Devem ter suas ações consideradas como complementares com maior ou menor grau de autonomia, por desenvolverem – nunca é demais lembrar – um trabalho cooperativo que compõe um trabalho muito mais amplo e abrangente e que, com os avanços tecnológicos e científicos, vem se tornando cada vez mais complexo, que é o trabalho em saúde. Os trabalhadores da enfermagem

ficam subordinados às contingências que regula o modo de operar sua prática, ainda que esse estar subordinado não implique ausência de insubordinação, do que, aliás, decorrem as transformações no entrechoque das forças sociais. (*Ibidem*).

Desse modo, as idealizações sobre o processo de trabalho da enfermagem exigem ser desmistificadas na própria prática. Se o que se pretende é conhecer o saber que possibilita dar uma certa organização técnica ao processo de trabalho da enfermagem, será preciso apreendê-lo nos dois níveis da realidade em que ele se objetiva empiricamente: nas suas próprias características e na sua representação, ou seja, direcionar o olhar não só à sua estrutura organizativa, à fragmentação do seu fazer, à fundamentação teórica das ações empreendidas, às relações que se estabelecem, mas, principalmente, à ideologia que subordina sua prática, bem como o discurso elaborado sobre ela.

2.6 O saber da enfermagem como tecnologia

Para Nietzsche (2000), a banalização da tecnologia também está na concepção das pessoas, na compreensão de sua necessidade à vida humana, tornando-se ou ferozes defensores da tecnologia (otimista) ou demasiadamente contrárias (pessimistas). Para os otimistas, de um modo geral, as modificações e avanços tecnológicos estão associados à idéia de progresso da humanidade,

produzindo mais bens com menos trabalho, liberando o trabalhador das tarefas mais pesadas, desagradáveis e rotineiras, sendo, pois, nessa perspectiva, a tecnologia vista como algo desejável. Para os pessimistas, a tecnologia nos trouxe e nos trará desde alienação do trabalho até o esgotamento dos recursos e a destruição universal.

Associado também ao modo moderno de viver, pois vivemos num mundo tecnológico, no qual as residências, os locais de trabalho e de lazer' estão repletos de tecnologias, o caminho da modernização e da tecnologia, aceitando-se ou não, é inevitável. O que está em jogo, hoje, é como conduzi-lo, tentando fazer com que ocorra da forma mais eficiente, digna e ética e ao menor custo político e humano.

Quando associamos tecnologia à vida dos indivíduos, aos modos como se organizam e a sua evolução natural e histórica, há tanto mentalidades que tornam a Ciência um paradigma para a explicação da vida das pessoas – o que empobrece a ciência, gerando um afastamento da produção científica em relação a seus próprios criadores – como as que incluem a Ciência como algo que determina e dirige a vida das pessoas, a partir da sua inserção no cotidiano social.

Segundo Nietzsche (2000), a enfermagem, no decorrer dos anos, foi considerada como uma profissão meramente técnica e subordinada ao conhecimento médico. Essa a imagem tecnicada tornou a enfermagem frágil, pois o enfermeiro não valoriza de maneira enfática as funções que lhe são específicas: o cuidado ao ser humano, a administração de espaço assistencial e a educação em saúde.

O cuidado, ao longo dos tempos, foi sendo associado a tarefas familiares, simples, e não tem de sido valorizado enquanto a ação profissional de enfermagem.

Mas a técnica, utilizada como o recurso para o desenvolvimento desse cuidado, aparece como origem e potencialidades para essa valorização.

Uma vez que o cuidado é produzido por uma complexa rede de interações, na qual são aportados saberes e tecnologias das mais diversas origens, requer que estas sejam sintetizadas numa ação primordial e ontologicamente ligadas à vida, ou seja, o cuidado terapêutico. Da técnica própria aos procedimentos evasivos para uma tecnologia de enfermagem identificada com sua natureza social e científica, há um enorme vazio a ser preenchido pelo desenvolvimento de saberes e práticas específicas.

Para Nietzsche (1989), as técnicas recobrem grande parte do trabalho de enfermagem e passam por transformações que vão da simples descrição de passos até a busca em outras áreas do conhecimento e das razões de tais procedimentos.

O nível do saber representado pelas técnicas

não é uma elaboração abstrata do conhecimento de enfermagem para desvendar o objeto de trabalho, mas as técnicas são simples seqüências de passos, rituais expressos por normas e rotinas. As enfermeiras nas instituições de prestação de serviços passam a elaborar manuais de técnicas, rotinas, regulando todo o cuidado a ser prestado ao doente, assim como as rotinas hospitalares. (NIETZSCHE *apud* ALMEIDA e ROCHA, 1989, p. 35).

As técnicas e tecnologias de enfermagem são instrumentais que constituem o “saber enfermagem” utilizado pelos profissionais no desenvolvimento cotidianas de sua práxis. O profissional torna-se um facilitador e o papel de enfermeiro se transforma em meio para a responsabilização do profissional pela “melhoria do sofrimento”, para o desenvolvimento de seu papel de educador e para possibilitar novas visões e intervenções “capazes de sustentar a adaptação da pessoa assistida e de sua família” na busca de sua autonomia (NIETZSCHE *apud* YONGERT, 1989).

É necessário o enfermeiro buscar a construção do seu próprio conhecimento, que esteja relacionado com a qualidade de vida, a maneira de administrar a saúde, as enfermidades e os problemas daí decorrentes. A doença deve ser encarada como um problema assistencial, um assunto social, uma situação a ser compreendida, que exige, entre outras ações, a do cuidado terapêutico.

A partir disso, o enfermeiro deve procurar articular a inserção dos cuidados com a exigência do cliente/pessoa. Cabe ressaltar que, visto dessa forma, o conhecimento de enfermagem difere do conhecimento médico, pois este diz respeito à doença, à patologia e ao tratamento, enquanto o da enfermagem busca orientar-se para o “cliente real” ou “potencial”, considerando sua existência, isto é, um ser que precisa de ajuda e possui múltiplas dimensões. A compreensão desses “clientes real” implica um olhar que inclua não só a pessoa, mas também suas relações, seu ambiente de trabalho, suas interações, ampliando consideravelmente o conceito de saúde, sendo o trabalho e o bem-estar intimamente associados.

O conceito de cuidado parece dar conta de associar tais dimensões da pessoa, na medida em que o “cliente real” se torna um ser concreto, com uma vida de relações repleta de desejos subjetivos, uma pessoa que compartilha esses desejos com os outros e busca satisfazê-los. A concretização disso pode estar associada à sua própria ação sobre o mundo. Portanto, o enfermeiro em sua atuação profissional, se quiser ver esse “cliente real”, precisa visualizá-lo dentro desse contexto, com suas ações e relações.

A enfermagem, no entanto, para apropriar-se desse “objeto” multidimensional, procura a ajuda de outras ciências para garantir sua cientificidade, não sendo, pois, autônoma e exclusiva. Para buscar essa autonomia – que consideramos relativas – e sua especificidade, a enfermagem aponta novo enfoque,

no final dos anos 60 e durante toda a década de 70: o da construção do seu corpo de conhecimentos específicos, expresso por uma terminologia variada, como “a natureza específica da enfermagem, a formalização dos conceitos e teorias, construção dos marcos referências, de modelos, entre outros” (NIETZSCHE *apud* ALMEIDA e ROCHA, 1989, p. 87). Esses autores revelam ainda, que o instrumental indicado para orientar a enfermagem na busca de sua autonomia como campo específico de saber refere-se à fundamentação de teorias. Com isso, permitir-se-ia uma delimitação do âmbito de atuação do enfermeiro no trabalho com outros profissionais.

É nesse contexto que a enfermagem vai buscar a construção de suas tecnologias, a partir da década de 50 até os nossos dias. Nietzsche (*apud* SENA, 1998) aponta a década de 70 como a que evidencia mais intensamente a discussão sobre a tecnologia na enfermagem.

Nietzsche (*apud* OREM, 1985; COLLIÉRE, 1989) relata que encontrou eco para aquilo que estava estudando quando passou a abordar as tecnologias num sentido mais amplo, apresentando uma classificação para elas. Afirma também que uma tecnologia é a informação sistematizada sobre um processo, o método para efetuar algum resultado desejado, através de empreendimento prático deliberado, com ou sem o uso de instrumentos.

Além disso, o autor identificou oito tipos tecnologias, explicitadas a seguir:

- 1) Tecnologias necessárias para as relações sociais e interpessoais, tais como:
 - a) comunicação ajustada à idade e estado de desenvolvimento, ao estado de saúde, orientação sócio-cultural;

- b) provocação e manutenção de relações interpessoais e intergrupais para coordenação de esforço;
- c) provocação e manutenção de relações terapêuticas sob a luz dos modos psicossociais de funcionamento em saúde e doença;
- d) assistência humana adaptada às suas necessidades, habilidades de ação e limitações.

2) Tecnologias regulatórias, que incluem:

- a) manter e promover processos de vida;
- b) regular modos psicofisiológicos de funcionamento em saúde e doença;
- c) promover o crescimento e o desenvolvimento humano;
- d) regular posição e movimento no espaço.

Nietzsche concebe a tecnologia

como uma arte, um conhecimento dos instrumentos, isto é, tudo o que dependa da sua elaboração, da sua criação, da justificação da sua utilização apropriada e da maneira de se servir deles. (NIETZSCHE *apud* COLLIÉRE, 1989, p. 261).

Pontua, ainda, que temos que ter em conta as tecnologias ligadas aos cuidados cotidianos e habituais de manutenção de vida, que são todos aqueles instrumentos que asseguram a manutenção da vida cotidiana, referente aos hábitos de vida, em relação à higiene, à alimentação, ao significado do vestuário, à organização do espaço, aos instrumentos que compensam limitações de motricidade e dificuldades de postura, entre outros. Estar a par desses dispositivos de compensação, assim como criar tecnologias e utilizá-las, ensinar as pessoas a servirem-se delas faz parte, portanto, do domínio dos cuidados de enfermagem. As tecnologias de reparação vão dos mais simples instrumentos às máquinas mais

complexas. A utilização dessas tecnologias depende mais dos cuidados prescritos por médicos e executados pelo pessoal de enfermagem. Todo o instrumento de reparação exige, portanto, uma justificativa para ser usado em relação com a natureza do mal, da deficiência ou da limitação funcional que se tem de reparar ou compensar, bem como situá-la em relação aos hábitos e atividades da vida. A tecnologia de informação, segundo Collière (1989), agrupa-se em dois tipos fundamentais de instrumentos: os planos de cuidados ou de ação sanitária e os que contribuem para gestão do serviço de enfermagem.

No plano de cuidados, estão inclusos os registros estabelecidos a partir do tipo de problema (físico, psíquico, afetivo, entre outros), bem como a natureza dos cuidados exigidos (cuidados de manutenção de vida, reparações-exame, tratamento). Registra a duração do plano, a frequência dos cuidados e o balanço dos dados que permitem avaliar o processo de cuidados. Dessa maneira, a autora afirma que o plano de ação sanitária e social é a expressão escrita da análise de uma situação familiar, que visa identificar a natureza das dificuldades ou problemas que surgem às famílias.

Nietzsche relata que existe um grupo de investigação atento ao talento e à expressão criativa do enfermeiro – GIATE (*Grupos de Inventos e Adaptações Tecnológicas em Enfermagem*). Sua sede encontra-se em Florianópolis, na Universidade Federal de Santa Catarina.

Este grupo está estruturado, conceptualmente, na valorização da criatividade humana refletida sob diversas formas nos profissionais desta área de estudo e práticas assistenciais, que impulsionam a construir, inventar, improvisar, adaptar produtos e processos tecnológicos que interessam ao “saber-fazer” no cuidado de saúde com as pessoas, com grupos e a comunidades. Nietzsche comenta que

a invenção, engenhosidade, tão peculiares ao trabalhador de enfermagem, se revestem de expressão, quando se põe ao serviço de arte fatos, utensílios, equipamentos e materiais e procedimentos o mesmo quando a surgem e adaptações de processos e procedimentos em favor de mais humanização do cuidar em saúde. (NIETZSCHE *apud* DIAS *et al*, 1995, p. 55).

Finalmente, a produção de um saber procedente de uma investigação científica ou não, mas marcado pela ousadia de criar, com a independência dos que criam e a persistência do próprio criador, forma um caminho que possibilita potenciais e talentos criativos, afinados com um novo século e que apontam como um novo olhar para a própria enfermagem.

2.7 Enfermagem e tecnologia na construção do sujeito autônomo

A prática da enfermagem é fragmentária; cada um faz o que bem entende, resolve as coisas que vão acontecendo, repara o ambiente para todos os outros profissionais atuarem, corre-se o dia inteiro. Ao final do turno de trabalho, o que foi feito no sentido de propiciar o autodesenvolvimento e a auto-realização como profissional e como pessoa? Como se realizou o trabalho com a clientela atendida?

Os profissionais de enfermagem estão muito atrelados às normas e rotinas que eles próprios criam e a outras muitas vezes impostas a partir da influência institucional, e seu trabalho torna-se cansativo e estressante. Em discurso “ideal”, procuram ver o cliente como “humano” e como “total”, mas na prática, isso é pouco observado. Até que ponto estamos alienados no processo do trabalho? Que concepções teóricas e filosóficas de homem, sociedade, ser humano, enfermagem e enfermeiro estão guiando nossas ações? Será que o nosso trabalho vem contribuindo na resolubilidade dos problemas dos clientes e da nossa prática profissional? É possível mudar? De que forma?

Que a mudança possa partir de uma reflexão que auxilie a transpor obstáculos e lutar contra as restrições desnecessárias, procurando alternativas que levem à construção de uma mentalidade que rompa as relações de submissão e de objetivação no processo de trabalho, para uma mentalidade crítica, livre, na qual sejamos sujeitos numa perspectiva democrática e emancipatória.

Primeiramente, evocaremos o constructo de emancipação com seus respectivos componentes, tentando fazer algumas reflexões no sentido de associá-los à concepção de tecnologia emancipatória. Tomamos como base algumas proposições de autores que, preocupados com essa temática, têm motivado a busca por uma compreensão mais profunda do que seja, portanto, emancipação.

Nietzsche define emancipação como

O processo histórico de conquista e exercício da qualidade de ser ator consciente e produtivo. O processo emancipatório constitui um fenômeno profundo e complexo, de teor tipicamente político, e que supõe, concretamente, a formação de um tipo de competência, ou seja, de saber fazer-se sujeito histórico capaz de pensar e conduzir o seu destino. (NIETZSCHE *apud* DEMO, 1990, p. 78; *ibidem*, 1995, p. 133).

Esse mesmo autor ainda descreve que o processo emancipatório é um fenômeno de competência política.

Emancipação é um “ato simples ou complexo pelo qual uma pessoa, classe ou país se liberta do estado de sujeição em que se encontra anteriormente” (NIETZSCHE *apud* SILVA *et al*, 1986, p. 389). Este conceito aborda a emancipação como saída da sujeição. É um conceito “curativo”, porque educação é parte para o viver saudável.

Emancipar “é romper vínculos de dominação e é o efeito de domínio sobre si que nos faz sujeitos morais” (NIETZSCHE *apud* THIEBAUT, 1991, p. 207). A idéia parece estar vinculada ao poder do indivíduo em conduzir sua própria vida.

Marx, citado por Lowy (1978, p. 207), avança para uma solução mais profunda do conflito entre a existência individual sensível e a existência genérica, através da categoria da “emancipação humana”. Ele diz que apenas quando o homem individual real recobra em si o cidadão abstrato e se converte, como indivíduo, em ser genérico, em seu trabalho individual e em suas relações individuais; somente quando o homem reconhecer e organizar suas forças próprias como forças sociais e, portanto, não separar mais de si a força social de si sob a forma de força política; só então se realizará a emancipação humana. Portanto, são os aspectos éticos, políticos e contestatórios, quando, para além do valor de mercado, o produto de qualquer tecnologia adquire o valor humano de uso, salto que garante a junção de forças individuais a serviço das forças sociais e coletivas.

O que esses autores expressam como ponto comum é que a pessoa deve possuir uma consciência crítica para fazer-se um sujeito histórico e ator do seu destino, não separando a força social sobre a forma de força política, para libertar-se do estado de sujeição. Pensar assim requer uma referência de conceitos associados ao mesmo movimento, num processo de desenvolvimento, transformação e conservação, balizando em valores humanos construídos socialmente pela reflexão-ação-reflexão.

Entendemos a emancipação como um processo que ocorre com o “ser humano”, que está inserido num contexto sócio-político-econômico e cultural, e que necessita ser atendido. As condições materiais básicas interligam os componentes de autonomia liberdade, cidadania, consciência crítica e ética. O processo de emancipação não é abstrato e estrutura-se e origina-se do próprio homem concreto, e esta concreticidade do sujeito se revela na medida da imaginação em que esses componentes do processo de emancipação ocorrem no mundo material-concreto, e

não no mundo da imaginação, nas condições próprias daquelas circunstâncias em que os seres humanos convivem. Quanto mais desenvolvido estiver este mundo-material concreto, mais possibilidade há de desenvolvimento dos processos espirituais e de emancipação do ser humano.

A emancipação, dentro de uma perspectiva processual e ética, é própria de um ser humano com consciência crítica e que vivencia sua cidadania, e isso só pode ocorrer a partir da liberdade e da autonomia característica que ele tem no momento em que se torna uma pessoa com um avançado desenvolvimento das suas capacidades, de modo que ele não tenha limitações na sua auto-realização. O sujeito que não se auto-realiza é um sujeito que não tem à sua disposição os elementos para a escolha. Não interessa se ele tem uma consciência crítica, mas se ele possui liberdade para fazer as escolhas que sua consciência lhe determinar. Sem escolhas não há nada no mundo social, inclusive possibilidade de um indivíduo tornar-se cidadão. No entanto, os limites ao cidadão não podem ser limites que ultrapassem as necessidades dos indivíduos (os limites das instituições devem preservar a segurança das pessoas que buscam os seus serviços), ou seja, a questão da cidadania não é maior que a questão do sujeito. A cidadania não tem precedência sobre a questão do sujeito.

Tais necessidades dos indivíduos são limitadas pelas necessidades de outros indivíduos, portanto, os limites do cidadão também são relativos aos limites do outro cidadão.

Portanto, não se conquistam direitos agindo deslealmente em prejuízo dos outros, pois o processo emancipatório precisa ser intrinsecamente ético. Como processo formativo, o saber pensar e o aprender a aprender incluem a competência de conviver e construir o bem comum, acima do egoísmo e da ganância. Não se

constrói nada sobre os escombros dos direitos alheios. Assim, também, a emancipação não é absoluta, supõe contraditoriamente a dependência de uma ideologia, de um grupo social de referência, de uma hierarquia de motivos, enfim, de uma postura histórica. A emancipação humana não passa pela arma, pela guerra, mas pela participação e conquista.

Esses componentes de consciência crítica, autonomia, liberdade e cidadania só podem ser apreendidos dentro de uma perspectiva do “ser humano inteiro”, sem fragmentação (imposta pelo sistema produtivo), favorecendo a possibilidade de experienciar inteiramente toda vivência cultural no seu sentido simbólico (da representação interna do indivíduo sobre a vida), social e natural, criando laços entre si e permitindo que ele seja íntegro.

Queremos aqui resgatar a concepção de ser humano descrita por Nietzsche.

Para ele, o ser humano é:

Aquele pensa, sente, reflete, discute, critica, analisa a realidade em que vive e atua intervindo em sua transformação, sendo autor e transformador do seu próprio conhecimento, do modo que assuma de forma crítica o seu papel de cidadão. Um homem capaz de relacionar-se consigo mesmo e com os outros, testemunhando valores éticos com amor, esperança, justiça, honestidade, solidariedade, responsabilidade. Enfim, concebo um homem político aqui entendido como ‘aquele que tem consciência histórica’, sabe dos problemas e busca soluções. Não aceita ser objeto, quer comandar seu próprio destino e amanhece horizonte dos direitos, contra o dado e contra a imposição. Autor, não espectador, criativo, não produto (NIETZSCHE *apud* DEMO, 1991, p. 15).

O sentido da emancipação se constitui em direito de conquistas de um espaço de liberdade e de autonomia para o sujeito vivenciar a sua cidadania. Se criarmos um espaço para isso e, por outro lado, fornecemos os instrumentos para o sujeito (o outro) ter consciência crítica, ele vai, naturalmente, aprender a emancipar-se. A emancipação é um processo que se aprende pela expansão da consciência, através do processo educativo e da vontade política de ser sujeito histórico a cada dia, dinamicamente. Portanto, nós não emancipamos ninguém, isto é algo que deve

estar internamente fermentando no ser humano. Mas podemos auxiliar, apontando alguns caminhos para favorecer que os outros se emancipem.

O processo de emancipação é algo que ocorre internamente no ser humano e se manifesta externamente na sua ação. Emancipação é um conceito agregado ao sentido da reciprocidade, mas não tem pretensão de 'salvar' ninguém. Portanto, um indivíduo é emancipado em si, para si, e não para os outros. Isto é, não é emancipado para os outros, mas ele é emancipado em si e isto se manifesta em suas ações. Pode haver emancipação em si e para si num espaço de liberdade e autonomia para vivenciar sua cidadania, sua participação ativa e consciente na construção da sociedade.

A emancipação não é um processo estático, unidirecional e conclusivo, ou seja, agora estou emancipado e "acabou". É um processo contínuo, de modo que em certas dimensões de nossa vida podemos ser emancipados, em outras dimensões não. Muitas vezes, pensamos que somos livres e, na verdade, essa liberdade é relativa a um determinado contexto e às possibilidades que esse contexto permite. Vivemos em determinadas situações efetivamente fazendo escolhas, mas há certas ocasiões em que não podemos fazer escolhas, não podemos emancipar-nos efetivamente, como pode ocorrer em relação às regras morais que a sociedade tem de alguma forma: os costumes, os hábitos, entre outros. Portanto, de alguma maneira assimilamos certos comportamentos que são determinados pela nossa vida social e isto faz com que possamos ser ora emancipados ora não emancipados, isto é, podemos ser emancipados de algo, podemos estar alienados em outras situações, contradição que nos exige permanente esforço e consciência crítica. Sendo assim, é no processo de viver

cotidiano que se realiza o processo de emancipação, com momentos de maior ou de menor grau, dependendo da situação que os sujeitos se encontram.

Cabe salientar que, na medida em que a sociedade vai evoluindo e ampliando as vivências éticas nas relações, a emancipação também vai ampliando-se para outras dimensões do cotidiano. A constituição social, hoje, nos leva a pensar que há certas estruturas da sociedade que impedem o processo de emancipação que é necessário ou o processo contra-hegemônico, no sentido de oposição às formas relacionais não emancipatórias.

Nietzsche (*apud* HABERMAS, 1987) se aprofunda na questão da “emancipação”, quando, em seus escritos, apresenta três interesses condutores do conhecimento que medeiam o curso da história natural, sendo um deles a questão da emancipação. Diz ele que a ação instrumental se norteia pelo sucesso e a ação comunicativa pelo entendimento.

O interesse da ação instrumental e da ação comunicativa

refere-se ao reino da economia, é relação utilitária do homem com a natureza e sua necessidade de domínio sobre ela, bem como na eficiência em reproduzir de modo racional em relação a fins. Essa atividade instrumental depende invariavelmente de um processo social e comunicativo que, através da linguagem, estabelece estabelea relacionamentos com os demais indivíduos no sentido de sucesso (NIETZSCHE *apud* VALENTI, 1995, p.114).

Unem-se, portanto, dois modos básicos de ação: a instrumental, através do trabalho, e a comunicativa, através da linguagem. A esses dois tipos básicos de ação social correspondeu dos interesses inerentes a espécie humana, ou seja, o técnico e o prático. Para tanto, define interesse.

Como um conhecimento útil ao próprio sujeito, são orientações básicas que aderem a certas condições fundamentais da reprodução e da autoconstituição possíveis da espécie humana: trabalho interação (NIETZSCHE *apud* HABERMAS, 1987, p. 217).

Segundo o mesmo autor,

o interesse deve indicar a unidade do contexto vital em que está encapsulada a cognição: as manifestações susceptíveis de verdade se referem a uma realidade que é objetivada como realidade em dois contextos diferentes de ação-experiência, isto é, é desejada ao descoberto e constituída ao mesmo tempo. (NIETZSCHE *apud* HABERMAS, 1987, p. 2).

Em relação aos interesses técnicos,

Estão preocupados com a aplicação da ciência empírico-analítica para prever e controlar ações sociais racionais propositadas, ou seja, aqueles que dominam a natureza para fins instrumentais, dela dispor, prevendo-a, controlando-a e até a recriando artificialmente, para conseguir dela um maior rendimento com maior disponibilidade de meios (como fazem a ciência experimental e a tecnologia). (NIETZSCHE *apud* ARAGÃO, 1992, p. 56).

Portanto, o conhecimento é gerado e utilizado pela ciência empírico-analítica, numa tentativa de controlar o meio para que os humanos possam existir. O interesse prático permite uma percepção intersubjetiva profunda do mundo social, através do uso da ciência histórica hermenêutica. O interesse prático é aquele que:

Organiza as relações que homens estabelecem entre si, o que implica numa repressão de natureza interna, de modo a regulamentar o processo de vida social por normas que, uma vez aceitas, passam a ser institucionalizadas e que, devido à sua força legal, não podem ser desrespeitadas, sobre formas de sanções. (*Ibidem*).). (NIETZSCHE *apud* ARAGÃO, 1992, p. 56)

O terceiro interesse descrito inclui a emancipação. É através deste que a razão possibilitou ao sujeito e às sociedades esclarecerem uma capacidade crítica contra seus próprios descaminhos. Interesse emancipatório é a busca de conhecimentos com uma orientação para a liberdade.

Esses interesses,

O está envolvido na razão e na capacidade humana de ser auto-reflexivo autodeterminados. Liberta o sujeito da dependência de poderes hipostasiados. Auto-reflexão está determinada por um interesse emancipatório do conhecimento. (*Ibidem*).). (NIETZSCHE *apud* ARAGÃO, 1992, p. 56)

O conhecimento emancipatório é criado das ciências orientadas criticamente que, por sua vez, estão baseadas na combinação das ciências empírico-analíticas e histórico-hermenêuticas, numa síntese maior.

O objetivo da ciência empírico-analítica e histórico-hermenêutica é produzir conhecimento nomológico, adjetivo do conhecimento emancipatório, e buscar liberdade de dogmas e da natureza militante desta perspectiva nomológica.

Acredita-se que esse novo conhecimento promove emancipação por libertar a pessoa da “prisão” e da comunicação distorcida, criando uma consciência crítica que expande autonomia e permite a vivência da liberdade com responsabilidade.

É nesta perspectiva que o saber da enfermagem como tecnologia pode se tornar emancipatório, permitindo lutar pela liberdade das diretrizes perversas, impostas socialmente, no intuito de promover a consciência crítica e, conseqüentemente, repercutindo numa ação emancipatória.

Portanto, emancipar-se é participar ativamente, é ter vida, condições de vivê-la. Que meios são necessários para emancipar-se? Um dos modos que apontamos é o saber, como tecnologia emancipatória, na medida em que o seu conteúdo permite ao ser humano afastar-se mais e mais da sujeição.

A emancipação é algo complexo e profundo e, quando desejada, necessita do exercício de consciência crítica, da cidadania, da liberdade, da autonomia, da ética e das necessidades e condições materiais básicas à vida do ser humano.

2.8 Tecnologia e construção social do sujeito

A tipologia “tecnologia emancipatória”, é concebida e entendida por Nietzsche (2000) como a apreensão e a aplicação do conjunto de conhecimentos e pressupostos que, ao serem articulados técnica e eticamente, possibilitam aos indivíduos pensar, refletir, agir, tornando-os sujeitos do seu próprio processo existencial, numa perspectiva de exercício de consciência crítica e da cidadania, tendo como condição a possibilidade experienciar liberdade, autonomia,

integralidade e estética, na tentativa de buscar qualidade de vida, de modo que os envolvidos possam encontrar a sua auto-realização.

Como diz Leopardi,

a esperança da possibilidade da reconstrução do trabalho, para a emergência do trabalhador – homem vivo, onde possa encontrar um novo sentido para o trabalhador humano, procurando não colocá-lo nem como centralidade da vida nem como marginalidade, mas, sim, que este possa ser uma multiplicidade de experiências possíveis para desmascarar as nossas faces desvitalizadas de trabalhadores, para encontrarmos um sentido humano para o trabalho, de modo que ao produzirmos riquezas não produzamos juntos a morte do prazer, da vitalidade, da ética, da estética e da liberdade. (LEOPARDI 1994),

A desmistificação da unilateralidade, ou seja, da visão exclusiva do homem como trabalhador, procurando identificar as diversas faces desse homem na consolidação da omnilateralidade, foi critério para a construção dessa proposta conceptual.

Uma tecnologia emancipatória pretende ser um processo com o objetivo de emancipação dos sujeitos, também dentro de uma perspectiva processual e ética, buscando-se uma consciência crítica, procurando uma maior participação do cidadão na sua vida e nas decisões coletivas. Portanto, se não refletirmos e agirmos, não haverá uma crítica consciente da realidade e o futuro poderá ser uma consequência da nossa insensatez, pois a inconsciência é o motivo constante das desolações individuais e coletivas. Para que isso ocorra, o sujeito (cidadão) necessita, além de consciência crítica, da liberdade e da autonomia para escolher, levando sempre em consideração o bem comum.

A emancipação na saúde se dirige para um campo compartilhado entre a clientela e o trabalhador de enfermagem: o processo do cuidado também pode ser emancipatório por diferentes vias, e o saber como tecnologia é uma delas. Mas supõe uma versão não pragmática, ou seja, a tecnologia não apenas como

estruturação de um fazer, porque a tecnologia apresenta as seguintes características:

- a) **é histórica**, portanto, processual, reproduz de maneira concreta as contradições da sociedade num processo dinâmico e contínuo;
- b) **é contestatória**, no sentido de libertação da pobreza política, ou seja, na perspectiva de conquista do espaço próprio de autodeterminação, em uma sociedade organizada, vivendo em um Estado direito, com uma economia estável. Produz um cidadão com direito à igualdade de oportunidades, direito à organização autônoma, porque lhe propicia o movimento autônomo para a auto-organização para cuidar de sua própria defesa, de maneira democrática e competente, se associado e participando, seja ao nível de grupos de interesses ou de comunidades, para se congregarem e reagirem (NIETZSCHE *apud* DEMO, 1991);
- c) **é ética**, porque leva à conquista do direito, contribuindo com os direitos dos outros. É a vivência dos princípios morais, levando em conta a totalidade das pessoas e suas diversidades;
- d) **é política**, no sentido da libertação do estado de sujeição, em que o ser humano passa a ser ator criativo e ativo e não meramente expectador passivo. Envolve o respeito pelas pessoas, envolve a busca incessante por melhores momentos, sem prescindir das limitações determinadas pelo processo histórico;
- e) **é estética**, pois busca a harmonia do eu, retomando a vida como fonte de alegria, criatividade e prazer, como experiência baseada na inseparabilidade de experiências e reflexão aberta a novos aportes e novos desenvolvimentos;

- f) **é competente**, porque exige capacidades na criação de novas possibilidades tecnológicas para a vida, levando em consideração o contexto sócio-político-econômico e cultural.

A ética, a estética, a política, a contestação, o processo histórico e a competência são algumas características das dimensões concretas da vida consciente, que implicam sua busca de qualidade. É nessa perspectiva que germina o saber como tecnologia emancipatória.

Para que uma forma de tecnologia emancipatória seja desenvolvida, é necessário aos indivíduos envolvidos terem consciência da condição de suas ações e, a partir da reflexão, desejarem transformá-la. Para isso, precisam encontrar seus aliados dentro das instituições onde se encontram, lutando por aquilo em que acreditam, sensibilizando as pessoas que se complementam na ação assistencial. Acreditamos ser essa uma tarefa árdua e complexa, mas, para buscar o autodesenvolvimento e a auto-realização pessoal, seja do profissional ou dos clientes, é necessário iniciar pela transformação do “microespaço” (local de trabalho), para refletir no “macro” (setor saúde em geral e na sociedade) e vice-versa.

O conceito de tecnologia emancipatória tem seu lugar fundamental para a síntese da reflexão conceitual apresentada, supondo-se a possibilidade de orientar-se para o exercício da consciência crítica, da autonomia, da liberdade e da vivência da cidadania.

Nietzsche, refere-se a alguns elementos constituintes e que estão ligados à questão emancipatória, os quais seriam:

- estimular os mecanismo de “criação” dos educandos em enfermagem, pois sem o desenvolvimento pleno desses mecanismo, o ser humano não viverá plenamente. A arte é o recurso mais rico para o estímulo desses mecanismos;

- estimular a prática cotidiana de leitura e reflexão. Através deles nos instrumentos para uma melhor compreensão de como partimos para uma teoria própria de enfermagem;
- estimular a fruição e a percepção do mundo, em outras palavras, desenvolver no profissional de enfermagem, a capacidade de diagnosticar as necessidades espirituais, emocionais, sociais físicas de todo ser humano sob seus cuidados;
- estimular a revisão das técnicas adotadas nas várias atividades do assistir e do cuidar, para ajustá-las às novas tecnologias que tendem a fluir com as novas pesquisas, não só na área da saúde, como em todas as áreas do conhecimento. (NIETZSCHE *apud* SOUZA, 1998),

O autor trouxe uma grande contribuição ao apontar alguns caminhos para auxiliar também no processo emancipatório das pessoas e para que estas se estendam na construção de tecnologias.

Cabe destacar que o saber de enfermagem enquanto tecnologia não é por si mesmo uma maneira de emancipação ou alienação, mas, no momento em que a tecnologia inclui e expressa componentes emancipatórios, existem maiores possibilidades de o processo emancipatório se efetivar nos seres humanos.

Nietzsche afirma que:

só com uma tecnologia emancipatória, com possibilidades para uma práxis transformadora, a Enfermagem poderá se firmar no terceiro milênio como uma profissão, reconhecida pela sociedade. (NIETZSCHE *apud* SOUZA, 1998),

Por isso, uma das perspectivas de transformação da práxis de enfermagem dá-se através da construção de tecnologias emancipatórias.

3 METODOLOGIA

3.1 Tipo de estudo

Para atingirmos os objetivos desta pesquisa foi realizado um estudo de abordagem qualitativa descritivo, em que foi analisado, na ótica docente, como as tecnologias educativas se apresentam no curso de Enfermagem da Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC.

A opção pela abordagem qualitativa possibilitou a este estudo “aprofundar a complexidade dos fenômenos, fatos e processos particulares e específicos de grupos mais ou menos delimitados em extensão e capazes de serem abrangidos intensamente” (MINAYO e SANCHES, p. 247, 1993). A pesquisa descritiva aplica-se em estudos que têm como característica a necessidade de explorar uma situação não conhecida e tais características se enquadraram nos objetivos de nossa pesquisa.

O instrumento de coleta foi a entrevista semiestruturada por possuir algumas vantagens. Uma delas é o fato de as pessoas, geralmente, estarem mais disponíveis para falar do que escrever, o que possibilitou também a observação das possíveis contradições dos sujeitos. Além disso, esse tipo de entrevista é mais aconselhável para temas subjetivos, pois permite uma maior profundidade no estudo, levando ao surgimento de outros dados também relevantes.

Entre outros autores, foi utilizado o referencial teórico de Nietzsche (2000), por adequar-se aos objetivos do estudo. A respeito da tecnologia da construção do sujeito (emancipatória), aqui, conforme Nietzsche, é entendida como.

a apreensão e a aplicação de um conjunto de conhecimento e pressupostos que, ao serem articulados técnica e eticamente, possibilitam aos indivíduos

pensar, refletir, agir, tornando-os sujeitos do seu próprio processo existencial, numa perspectiva de exercício de consciência crítica e de cidadania, tendo como condição a possibilidade de experienciar a liberdade, a autonomia, a integridade e a estética, na tentativa de buscar qualidade de vida, de modo que os envolvidos (profissionais e clientes) possam encontrar a auto-realização. (NIETZSCHE, 2000, p. 21-22).

Dessa forma, procurou-sei, através desse método, apropriar-se do objeto de estudo, na compreensão de este não pode ser entendido na sua individualidade, mas na totalidade das relações que se estabelece.

3.2 Sujeitos da pesquisa

Foram eleitos como sujeitos desse estudo doze enfermeiros docentes do quadro efetivo do curso de Enfermagem da Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC – do ciclo profissionalizante, que recebeu como identificação, quando citadas as falas, a nomenclatura “E”, que significa entrevistado, e o número correspondente ao sujeito docente (por exemplo: E1 - E12).

A escolha desses sujeitos deveu-se ao fato de eles atuarem decisivamente na formação do profissional de enfermagem como condutores do processo ensino-aprendizagem, contribuindo, dessa forma, como fonte valiosa de informações na coleta de dados, configurando-se como sujeitos essenciais para o estudo.

Assim, os sujeitos do estudo de fato compreenderam a representatividade qualitativa para estabelecer os critérios acima.

Ficou garantido a disponibilidade e aceitação dos sujeitos a participar formalmente do estudo, assegurando-lhes o anonimato e a reprodução fiel das informações recebidas, considerando a prerrogativa ética e de direito constantes na Resolução 196/96, que trata de pesquisas envolvendo seres humanos.

3.3 Campo da pesquisa

O estudo foi realizado no curso de graduação em Enfermagem da Universidade Estadual de Santa Cruz, situado no km 16 da rodovia Ilhéus, em Itabuna.

O curso de graduação em Enfermagem foi implantado em março de 1987, autorizado pelo decreto 92497 de 26/3/1986, seu currículo foi estruturado no parecer 163/72 e na Resolução 04/72 do CFE, que redefiniram o currículo mínimo de graduação em Enfermagem. Seu reconhecimento deu-se em maio de 1997, compondo, assim, o elenco de cursos de graduação reconhecido da Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC.

Segundo Andrade (1997), o curso foi criado em resposta a uma necessidade regional e a perseverança de algumas enfermeiras (da Federação Escolas Superiores de Itabuna e Ilhéus – FESPI –, que mais tarde transformou-se na UESC) que foram desfazendo os impasses à medida que iam buscando a implantação, de forma competente e comprometida com a saúde regional.

3.4 Procedimento para análise

Foi utilizada a técnica de análise de conteúdo, que, segundo Bardin (1977), “é um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a discursos (conteúdos e continentes) extremamente diversificados”. A análise de conteúdo visa a chegar às categorias temáticas, considerando os objetivos do estudo e o referencial teórico adotado. Ademais, a análise de conteúdo permite uma ampla abordagem de diversidade de objetos de investigação.

As diferentes fases da análise de conteúdo, tal como o inquérito sociológico ou a experimentação, organizam-se em torno de três pólos cronológicos:

- 1- A pré-análise;
- 2- A exploração do material;
- 3- O tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.

A partir daí procedeu-se a organização da análise:

- a) A *pré-análise* (que se subdividiu em leitura flutuante e preparação do material) consistiu na organização dos dados, sistematizando as idéias iniciais, separando-as por questões e atribuindo cores diferentes para as falas de cada sujeito.

Minayo (1992) recomenda que, na pré-análise, seja realizada uma leitura flutuante das entrevistas repetidas vezes. Por conseguinte, deve-se preparar os dados, organizando-os e sistematizando as idéias principais. A exploração do material se constrói a partir da codificação do material, seguindo a categorização.

Após a ordenação dos depoimentos através da transcrição dos conteúdos das fitas cassetes, foram feitas exaustivas releituras dos textos, organizando os relatos, de modo a possibilitar o recorte, em cada um deles, das unidades significativas das falas a fim de que pudessem ser compreendidos e vistos de forma mais clara.

- b) A *exploração do material*, a operacionalização deste no processo, iniciou-se com a transcrição do *corpus*, ou seja, dos “trechos das entrevistas” que consistem nas unidades de registro. Em seguida, foram feitas a classificação, codificação e categorização.

A classificação deu-se através da decomposição do texto conforme o critério semântico, tendo como base as “isotopias”, ou seja, expressões com idêntico sentido que surgem ao longo do *corpus*, favorecendo a codificação por meio de reagrupamento das redes isotópicas, que se constituiu através do estabelecimento dos núcleos de sentido, quer tenham emergido das falas dos sujeitos, quer tenham sido inferidos.

Finalizamos esse processo com a categorização das respostas, onde capturamos a categoria analítica que emergiu das falas dos enfermeiros docentes, como: as políticas do ensino e a graduação em enfermagem, a tecnologia como um conjunto ordenado de conhecimentos empregados na produção e aperfeiçoamento de atividade humana, a tecnologia educativa como ferramenta pedagógica na produção do conhecimento na cultura do ensino e da práxis de enfermagem.

- c) Na *análise e interpretação dos dados*, o último pólo cronológico, foram discutidos os dados, buscando a compatibilização dos depoimentos dos diferentes sujeitos, bem como a articulação entre o material empírico e o referencial teórico de Nietzsche (2000) e outros autores.

Desse modo, através da fala dos entrevistados, procuramos estabelecer relações que possibilitassem novas explicações e indicações a fim de embasar futuras propostas de mudança, levando em consideração não só a historicidade, mas, também, a ação efetiva dos agentes de enfermagem, aqui na função da docência.

Nesse processo buscamos compreender os fenômenos presentes na prática assistencial e educativa, de modo a fazer aflorar condições de toda ordem,

embutidas nesse conhecimento e nessa prática, indicando as possibilidades concretas de transformação da realidade.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Neste capítulo, são apresentados e discutidos os resultados do estudo referentes às três categorias encontradas nas falas dos sujeitos, concernente à prática do docente do curso de Enfermagem da UESC. As categorias a seguir são discutidas com a finalidade de alcançar o objetivo proposto pelo estudo.

4.1 As políticas do ensino e a graduação em Enfermagem

A qualidade do ensino é definida pelo grau de atendimento das expectativas dos clientes, diante da percepção que este tem sobre o serviço prestado. No Brasil, as universidades precisam ser reestruturadas a partir de um projeto de ensino superior democrático, voltado a atender, de forma adequada, as expectativas da sociedade. O cliente é a sociedade e, quando suas expectativas são atendidas, essas instituições cumprem adequadamente sua função social.

A elevada jornada de trabalho dos docentes, os diferentes vínculos e salários, a inexistência de carreira e a precarização do trabalho no campo da educação são alguns dos fatores que inviabilizam a qualificação e o aperfeiçoamento, implicando em um ensino massificado, pouco criativo e de baixa qualidade. A falta de um diagnóstico mais preciso sobre a realidade destas instituições e a expressiva redução dos recursos resultaram na precarização das instalações materiais, sobretudo nas bibliotecas, laboratórios e na redução das atividades de pesquisa (GLASEL *apud* ANDES, 1996). Como podemos observar nos discursos de nossos depoentes:

[...] às vezes podem ser as dificuldades financeiras e também as distribuições dos recursos, [...] então eu acho que precisa despertar para utilização desses recursos na sala de aula. É a nossa formação, o mestrado de você está sempre pesquisando, [...] se você não tiver essa tecnologia presente na sua vivência acadêmica você não anda para lugar nenhum,

you are left a professional surpassed if you do not accompany what the technology is offering. Student [...] already uses and already lives it, they already arrive at university with this experience, formation, because today in days the resources of technology are available for almost all people of the population [...] that he knows much more and the valuation of this here, not only for academic life, but for professional life. (E1).

[...] many times people prepare the entire programmatic content of the discipline thinking of using diversified technologies and the institution does not give support for this, then you end up falling in the expository classroom that many times does not have the production that it should have in terms of knowledge if you used more dynamic technologies [...]. The student many times; you do not have homogeneous classes, [...] then from this perspective it prejudices in a certain way the student I think that the institution of higher education should provide laboratories of support so that people could use technologies in an egalitarian way without this process of exclusion within the university itself. [...] the young professor who is today being inserted into the market, he already comes sensitized a lot with the question of informatics, the use of advanced technologies, [...] already the professor who comes from an older generation has a certain difficulty in dealing with machines with more modern technologies, [...] I came from a generation that is not the newer one, and even out of necessity I had to insert myself into this universe of cybernetics [...] then I think that the professor who does not insert himself into this context will remain on the sidelines of history. (E3).

[...] in my work with CD-ROM in my discipline, however I do not have how to bring this CD-ROM to be explored by students in the classroom, then I would apply this as a difficulty of the institution in terms of offering space and equipment to work with more modern technologies, [...]. In relation to the student, I believe that it should be the same way, access is not for lack of interest, on the contrary any research that you do and request that they bring the written material, they research on the Internet and if possible they print the way that is there, not, for them the difficulty is not to go looking, but to find the machine, [...]. The professor, the limitation is personal even, I try to open horizons of knowledge to deal with the computer to search and the question of time. (E4).

Not always the institution provides these means for us to use, then there is a certain difficulty in relation to this, at times even in relation to the acquisition of this material that we could use on a daily basis (E5).

The difficulty with the institution I perceive only in the structure provided for the student as sources of literature, at times the library does not have copies in a sufficient number for you to provide the text (E9).

Os problemas enfrentados no ensino público superior brasileiro está explícito nas mensagens dos sujeitos docentes entrevistados, que na realidade suscitou em decorrência de um modelo de produção capitalista, que define novas relações sociais.

Para um melhor entendimento das expressões dos sujeitos, Faceira (2000) faz algumas considerações preliminares sobre a política educacional e as políticas sociais brasileiras bem como suas características no contexto neoliberal. O surgimento das políticas sociais está referenciado à relação capital X trabalho, ou seja, com as formas socialmente encontradas de enfrentamento da questão social, sendo influenciada e modificada pelas relações econômicas e pela dominação política. O modo de produção capitalista definiu uma nova forma de relações sociais entre os homens e entre os mesmos e as forças produtivas, caracterizadas pela separação entre o homem e os meios de produção, tendo como consequência a perda da dimensão e do contato com o processo de seu trabalho. Nesse contexto, a burguesia é a classe que detém os meios de produção, o que lhe dá poder econômico e político. O proletariado, desprovido dos meios de produção, vende sua força de trabalho como mercadoria, em troca de um salário, que muitas vezes não lhe permite ter acesso ao consumo do bem ou serviço que produziu.

Marx (*apud* Faceira, 2000) denomina esse processo como o estranhamento e alienação que o homem sofre em relação ao trabalho. Conseqüentemente, trata-se de um antagonismo de classe, uma vez que convivem num mesmo cenário social dos dois segmentos com objetivos tão distintos, onde um acumula capital a partir da exploração do trabalho do outro; o que contribui para um grau de tensão e conflitos permanentes na sociedade. Dentre as várias dimensões que constituem o aparelho hegemônico e ideológico, centralizaremos as discussões nas políticas sociais e na sua configuração no contexto neoliberal, esclarecendo que esta análise só tem sentido se inserida no contexto histórico, da luta de classe e do interesse da classe dominante, que exerce seu poder e controle em relação à sociedade civil através dessas mesmas instituições.

Na sociedade capitalista, o processo de industrialização desencadeia uma série de mudanças na infraestrutura da sociedade, como a modernização da produção, a urbanização, o desenvolvimento tecnológico e a necessidade de mão-de-obra assalariada e qualificada, indispensável ao manuseio de maquinários. O mercado de trabalho passa a exigir uma qualificação mínima ao trabalho nas indústrias, bem como o aumento do número de empregos, caracterizando-se pelo ingresso das crianças e mulheres no mercado de trabalho assalariado. O estado é convidado a intervir no campo da questão social, a fim de amenizar os impactos negativos deste processo de mudanças geradas pela industrialização.

Desenvolve-se, assim, o Estado de bem estar social, que se caracteriza pela garantia de condições mínimas de renda, alimentação, saúde, habitação, educação, assegurados como direito social e político, e não como caridade. Com a ofensiva neoliberal e o corte nos gastos sociais, os serviços públicos passam a ser mais reduzidos e insatisfatórios, resultando numa ampliação dos programas sociais vinculados a organizações não-governamentais (ONGs), filantrópicas e privadas. Instala-se nesse contexto o Estado mínimo, que demarca o fim das conquistas sociais e direitos anteriormente adquiridos.

O neoliberalismo desencadeia uma série de transformações no mundo do trabalho, que se refletem no campo educacional, em novas exigências para a qualificação profissional. Não podemos nos esquecer de que a educação consiste em um aparelho ideológico. A seguir, um fragmento do relato do entrevistado número oito, com o objetivo de explicitarmos o exposto até então.

[...] limitação própria, porque por mais que você busque informações, porque eu penso assim, cada vez que eu busco eu me sinto mais incapacitada; [...] e você termina se sentindo bem pequenininha diante do universo de conhecimento de tecnologia que está diante de você. A outra dificuldade é em relação a instituição [...] o meu planejamento geral da disciplina e depois individual de aulas, então eu sempre coloco que recursos

eu vou utilizar, qual a tecnologia que eu vou adotar e aí, dependendo da tecnologia, do método que eu vou utilizar eu termino não conseguindo por sentir o entrave [...] a instituição [...]. Do aluno uma das grandes dificuldades para trabalhar é sair daquele universo de aula expositiva; é que ele não traz muito essa base lá do ensino médio, [...] apesar de que quando você instiga, estimula, cobra, eles terminam fazendo e fazem boas coisas, eles são muito criativos, eles fazem bons trabalhos quando eles realmente abraçam, compram a idéia [...]. Dificulta, então quando você tem uma turma mais heterogênea em que você pode trabalhar assim com diferentes habilidades (E8).

A educação deixa de ser um instrumento de informação, de construção do conhecimento e de formação de uma visão crítica da sociedade para se constituir em um mecanismo de reprodução do ideário neoliberal e do próprio sistema capitalista, bem como em espaço de luta de classes, perpassando por inúmeras contradições.

A educação desempenha a função de contribuir para a formação desse indivíduo competitivo, individualista, disciplinado e polivalente para ingressar no mercado de trabalho. O neoliberalismo despolitiza a educação, dá-lhe um novo significado de mercadoria, garantindo, assim, o triunfo de suas estratégias mercantilistas necessárias à manutenção do consenso e hegemonia da sociedade capitalista.

A educação pode constituir uma alternativa democrática no contexto neoliberal, mas para isso é necessária a construção de escola pública, unitária, numa perspectiva de formação ampla, contínua e politécnica, levando em conta as múltiplas necessidades do ser humano. Se conseguir privilegiar o desenvolvimento de suas potencialidades e oferecer visão crítica acerca da realidade social, contribuirá para a formação de novos sujeitos sociais, ativos, que se percebam como agentes construtores de sua própria história.

Nas ações práticas do enfermeiro docente do curso de enfermagem estudado, toda essa situação tem se tornado um grande desafio para executar e

operacionalizar o processo de construção de formação do produto final, verificado nesse depoimento:

[...] a gente usa mais a tecnologia leve de comunicação, de discussão, de leitura, de conversa, porque os recursos não são tão acessíveis e disponíveis na universidade, [...] e uma dificuldade que a gente tem também, que a gente não apoio até de orientação pra você acrescentar e inovar a sua prática didática, porque é um enfermeiro, você não teve uma formação e apesar de mestrado acaba que durante esse mestrado você também não é levado tanto a arte de ensinar, de como estabelecer essa atividade docente. (E12).

Os achados demonstraram que a prática docente decorrente da política de ensino superior tem sido prejudicada pela falta de condições de trabalho, não havendo sustentação financeira do ensino, deteriorando as condições de operacionalização das ações pedagógicas; ausência de democratização interna; autonomia didático-científica relativa; desconsideração do princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, verificado explicitamente nesse depoimento:

Uma das dificuldades em relação a instituição eu acho o espaço físico para o professor ter uma sala para está produzindo e desenvolvendo o seu trabalho, [...] então o que a instituição tem proporcionado ao professor é para o professor apresentar uma aula expositiva, dialogada [...] se o professor quiser desenvolver com os alunos um projeto de extensão a dificuldade para você conseguir um computador e a dificuldade de você ter um espaço mesmo que para você sentar com esses alunos para estar orientando, [...] você não tem apoio para poder desenvolver essas atividades, não vou falar nem de outras tecnologias mais avançadas porque é pouco, quase nenhum, os instrumentos que a gente tem, é contribuir para que a gente desenvolva o trabalho da gente. (E10).

[...] A instituição oferece as vezes, parcialmente que a gente sabe que aqui tem quantidade dificuldade de qualidade é uma instituição pública e como instituição pública tem as suas deficiências. (E11).

O perfil ou o tipo de aluno pode ser um determinante na qualidade do processo de ensino. Nas falas dos sujeitos estudados, os discentes se mostraram curiosos e motivados, interlocutores lúcidos e parceiros no processo de aprender e

ensinar; apóiam as mudanças, aprendem mais rapidamente e tornam-se mais produtivos. Conforme os relatos a seguir:

Em relação ao aluno, ele aceita bem aquilo que está sendo proposto para ele; enquanto instrumento, ele participa bem do que está sendo levado, para ele, [...] eles gostam realmente que se coloque algo novo, inovador. (E7).

Do aluno, uma das grandes dificuldades para trabalhar é sair daquele universo de aula expositiva; é que ele não traz muito essa base lá do ensino médio, [...] apesar de que quando você instiga, estimula, cobra, eles terminam fazendo e fazem boas coisas, eles são muito criativos, eles fazem bons trabalhos quando eles realmente abraçam, compram a idéia [...]. Dificulta, então, quando você tem uma turma mais heterogênea em que você pode trabalhar assim com diferentes habilidades. (E8).

Pela dinâmica mais aplicada por um eu não sinto muita dificuldade, porque a dificuldade maior poderia está relacionada com a aceitação do aluno na fase inicial. No início os alunos não gostam muito desse tipo de aula a partir do momento em que você vai estimulando eles vão entendendo vão se inserindo no processo. [...] A facilidade justamente depois da aceitação do aluno desse tipo de prática, você consegue desenvolver pelo menos alcançar de forma até rápida o que você traçou como objetivo para ajudar na própria avaliação, então numa avaliação processual esse tipo de prática traz facilidade porque você vai avaliando o aluno ali no seu rendimento no dia-a-dia. (E9).

Eu acho que o aluno é preparado para essas tecnologias, eu acho que não só ele é preparado como ele cobra para a gente utilizar bem essas tecnologias. (E11).

O ensino da graduação em enfermagem deve propiciar a aquisição de conhecimentos e mudanças comportamentais sem perder de vista a vinculação entre teoria e prática. Estagiar, desenvolver ensino clínico, praticar, é o momento da junção teoria/prática, ou seja, possibilita aplicar conceitos abstratos em situações concretas. A prática da enfermagem pressupõe o “cuidar”, o “supervisionar” e sob essa ótica vislumbra-se a comunicação, tendo como fator orientador a dignidade humana, o homem como ser único, e é traduzida em crescimento pessoal, com vista ao outro.

Em nosso país, a saúde é um setor que vem protagonizando o mais significativo processo de contramão do avanço do ideário neoliberal, tendo como

autores e atores importantes segmentos sociais e políticos, dentre eles docentes de instituição formadora pública, cuja ação é dar continuidade e avanço do movimento pela reforma sanitária, como para a concretização do SUS.

4.2 Tecnologia e aperfeiçoamento na atividade humana

Tecnologia como sendo um conjunto ordenado de conhecimentos empregados na produção e aperfeiçoamento de atividade humana, na perspectiva conceitual da palavra “tecnologia”, tem sido destoadada e banalizada pela sociedade, talvez porque vivemos na era tecnológica e o termo está sendo usado de maneira enfática pelos serviços de mídia, pelo que reduz o seu significado, co-relacionando a tecnologia à era moderna, fazendo inferência à utilização de equipamentos e insumos. A mídia impressa e eletrônica, quando se dá a sua metamorfose em intelectual orgânica, as ideologias e os imaginários continuam a ser fermento e argamassa da sociedade, permitindo conferir um significado predominante e às vezes único.

A organização dos sujeitos estudados, a respeito da prática docente, introduz uma nuance significativa de aproximação, através da tematização de suas características, enquanto prática social, como substancializadas com as características, que permite apreendê-la como articulada na estrutura da sociedade capitalista. Ou seja, compreendendo tecnologias como instrumentos materiais, desconsiderando, em sua maioria, tecnologias como uma prática do saber. Assim, em depoimentos, os sujeitos expressam:

Tecnologia é o aperfeiçoamento de produtos de processos de serviços de criação. (E1).

Tecnologia: eu entendo como os instrumentos que são utilizados durante todo o processo. (E2).

Tecnologias são instrumentos que nós utilizamos para a operacionalização de alguma atividade. (E3).

Tecnologia são diversos instrumentos científicos. (E7).

Os instrumentos que nós utilizamos pra viabilizar os métodos de ensino [...]. (E4).

Tecnologia diz respeito a um conjunto de conhecimentos específicos para uma determinada área, são: o conhecimento científico de uma área, as habilidades também podem ser incluídas nisso aí e o resultado desse conhecimento, dessa habilidade nós poderemos chamar de produtos tecnológicos. (E9).

Nada de relevância haveria nessa restrição do termo “tecnologia” expressa pelos sujeitos estudados se ela não correspondesse a um contexto de significações ao qual foi atribuído o caráter ideológico capitalista, considerando aqui a educação como um aparelho ideológico; se os sujeitos não estivessem trabalhando com a formação; se eles não estivessem influenciando na formação de opinião. Sobre os quais trabalham as relações cuja adequação não se estabelece por referência à capacidade produtiva ou à eficácia útil dos instrumentos, com respeito às relações sociais de produção, organizados conforme as quais os homens então modificam a natureza e a história. (GONÇALVES, 1994).

Os desafios epistemológicos suscitados pela formação e transformação de uma profissão da área da saúde como a enfermagem tendem a ser compreendidos no nível das representações sociais dominantes, ou seja, no caso da saúde a prática médica, o que resultaria em um grande equívoco na caracterização da fisionomia da profissão, desconstituindo o desenvolvimento de sua autonomia. Vale ressaltar que a maior parte dos conceitos, categorias e leis formuladas pelas ciências tem por base as relações, os processos e as estruturas de dominação e apropriação.

É preciso compreender em que contexto a enfermagem está buscando se articular como ciência, profissão, resguardando sua autonomia e emancipação. No

quadro das ciências naturais, constitui-se em marca específica das ciências sociais e, por particularização, da Medicina Social. Quando se procede a subdivisão desta última disciplina em dois campos, um dizendo respeito ao estudo das práticas à saúde e à doença e outro ao estudo do processo saúde/doença. É evidente que para o primeiro desses campos o parentesco com a área das ciências sociais se impõe, ainda que para o segundo se possa dizer que o objeto – o processo saúde/doença – concentra, além de aspectos propriamente sociais, outros tantos de caráter biológicos (GONÇALVES, 1994). No campo das ciências da saúde, da medicina social, das práticas hegemônicas médicas, a “neófito” ciência da enfermagem se estabelece como um campo de estudo e de saber próprio.

Nesse sentido, tornam-se muito próprias algumas aproximações e reflexões das práticas do enfermeiro docente com a práxis profissional de enfermagem.

Dos sujeitos entrevistados apenas dois diretamente fizeram inferência da tecnologia ao estudo do “saber”, relacionando o sujeito com o objeto de trabalho, conforme relataram em seus depoimentos:

Tecnologia materiais e não materiais, porque o saber o conhecimento tecnológico que você tem [...] então, tecnologia, para mim, são os instrumentos são insumos tecnológicos e também o conhecimento o saber você pode usar o saber como tecnologia. (E11).

Quando a gente fala em tecnologia, a gente tem que pensar em articular as tecnologias, fazendo um pouco de referencial do campo da saúde coletiva, tecnologias leves, tecnologias duras e tecnologias leve e dura; então transportando para o campo da educação. Então, tecnologia eu vejo como todo o recurso que eu vou utilizar pra trabalhar, intermediar a relação do sujeito com o objeto de trabalho dele. (E12).

Para Gonçalves (1994, p. 31 e 32), os significados de “tecnologia” são considerados:

como operantes no conjunto das práticas referidas à saúde, no Brasil, tomadas por referência ao quadro mais geral da articulação dessas práticas no conjunto estruturado de práticas sociais através das quais realiza a sociedade brasileira: [...] na conceituação de tecnologia enquanto conjunto

de saberes e instrumentos que expressa, nos processo de produção de serviços, a rede de relações sociais em que seus agentes articulam sua prática em uma totalidade social.

As concepções e considerações referentes à tecnologia têm o enfoque restrito e amplo que para Nietzsche (2000),

o termo tecnologia, vão de uma visão restrita, resultando num produto máquina, até uma visão mais ampla, que abrange os saberes construídos pelos seres humanos, as reflexões acerca do termo tecnologia, que em hipótese nenhuma poderá de maneira nenhuma pretendem ser fechadas e imutáveis, me levam a considerar *tecnologia como resultado de processo concretizados a partir da experiência cotidiana e da pesquisa, para o desenvolvimento de conjunto de desenvolvimentos/saberes ordenados, organizados e articulados, para o emprego do processo de concepção, elaboração planejamento, execução/operacionalização e manutenção de bens materiais e simbólico e serviços produzidos e controlados pelos seres humanos, com uma finalidade prática específica*. A tecnologia, portanto, serve para gerar conhecimentos a serem socializados, para dominar processo e produtos e transformar a utilização empírica, de modo a torná-la uma abordagem científica. Pela tecnologia também se apresenta uma proposição ou explicação de um modo de fazer. (Nietzsche 2000, p. 52),

A enfermagem tem sua base de influência em paradigmas tecnológicos da medicina, entre o modo assistencial, chamado “clínico”, e o modo operacional, chamado “epidemiológico” (NIETZSCHE, 2000, p. 119). A validade dessas inferências tem fragilizado a enfermagem, e pode ser constatada pela pouca valorização dos enfermeiros, das suas funções específicas, tendo em vista ser uma profissão muito técnica e subordinada ao conhecimento médico.

Os sujeitos estudados em sua maior parte têm conceitos restritos de tecnologia, o que pode está se tornando uma reprodução de um modelo fragilizado da enfermagem. Dificultando a aquisição do conhecimento do seu objeto de estudo, ou seja, do conhecimento específico da enfermagem: o cuidado ao ser humano, à administração do espaço assistencial, à educação em saúde, distanciando-se da lógica de produção da saúde, baseada no trabalho multidisciplinar, e da garantia de participação dos usuários (controle social), que constitui o atual modelo da saúde.

Pelo fato de o docente não ter claro em sua compreensão o saber da enfermagem como tecnologia, diante de uma situação de aprendizagem, os mecanismos de conhecimento e os raciocínios para construir uma representação pelos discentes do conhecimento de enfermagem podem ficar prejudicados e serem confundidos com o conhecimento médico, traduzido pela inferência a partir do elemento do discurso docente.

Acredito que o docente, compreendendo as técnicas e tecnologias de enfermagem como o saber da enfermagem, pode buscar uma construção e produção do conhecimento específico de um saber, o que pode levar ao discente de enfermagem possibilidades que tornam viáveis outras conquistas de investigação em tecnologias.

4.3 Tecnologia como instrumento pedagógico

Tecnologia educativa como ferramenta pedagógica da produção do conhecimento, da cultura do ensino e da práxis de enfermagem.

4.3.1 Produção da cultura do ensino das competências e das habilidades

Wall (2001, p. 2) citando Kleba (1999) enfatiza que a educação é um instrumento de transformação individual e social, representando um processo de conscientização que possibilita ao ser humano ações e reações, dando-lhe novos padrões de como compreender e enfrentar as situações vivenciadas.

O saber é essencial ao ser humano, e lhe é próprio o seu desejo de saber. O homem é capaz de participar do processo de construção de uma mudança.

O uso adequado de tecnologias educativas em enfermagem apresenta-se como alternativa na criação de diversas instâncias para o melhoramento do processo de ensino aprendizagem, oferecendo uma ampla variedade de

oportunidades para que o ser humano desenvolva suas próprias destrezas e habilidades (WALL *apud* FIGUEROA, 2001, p.2).

Segundo Dilly *et al* (1995, p. 51 e 52), tratando de situações de ensino na enfermagem, profissão cujo caráter educacional é incontestável, verifica-se que muitas de suas ações envolvem circunstâncias de ensino-aprendizado.

Quando perguntado sobre sua concepção de tecnologia educativa, os sujeitos estudados, em sua maior parte, responderam ser uma ferramenta importante que caracteriza a aprendizagem. Para Piaget, citado por Fialho (2001, p.174), a aprendizagem constitui o movimento de um “saber fazer” a um “saber”, o que não ocorre naturalmente, mas por uma “abstração reflexiva”, processo pelo qual o indivíduo “pensa” o processo que executa e constrói algum tipo de teoria que justifique os resultados obtidos. Observe os discursos de nossos depoentes:

Tecnologia educativa é você utilizar um produto, um processo que seria assim capaz de te dar recursos, facilitar que você fomente a sua técnica educativa. (E1).

[...] esses instrumentos voltados para a educação que não só desrespeita a parte, assim, de equipamentos, mas também, assim, habilidades interpessoais. (E2).

É todo o aparato utilizado no processo ensino-aprendizagem, isso vai desde a relação intersubjetiva entre o educador e educando isso é uma tecnologia dialética. (E3).

São todas essas técnicas, instrumentos que são utilizados para fins educativos. (E4).

[...] seria também estas tecnologias esse desenvolvimento científico usado para a educação. (E 5).

[...] meios que facilitam o aprendizado. (E 6).

[...] os instrumentos que possibilitam uma facilidade maior no processo ensino-aprendizagem. (E7).

A aprendizagem humana para os sujeitos parece estar em conformidade com o que afirma D'EL-Rey (2000, p. 59):

[...] requer descobrir a realidade em processo de auto-conhecimento, identificando variáveis que interagem na rede de relações, que constitui a trama da vida cotidiana [...].

As tecnologias educativas no suporte da educação em saúde capacitam o ser humano para vivenciar de forma mais saudável as fases da vida. Para os sujeitos da pesquisa, tecnologia educacional é um conjunto de conhecimentos que se aplicam a uma atividade educativa partindo da realidade do ser humano, valorizando sua experiência, seu contexto de vida e suas expectativas frente ao processo saúde-doença, conforme fragmentos de alguns relatos que seguem:

A criação de métodos e técnicas que favoreçam a construção do conhecimento. (E8).

Tecnologia em educação é todo o conhecimento acumulado voltado para a área da educação. (E9).

Seria um conjunto de instrumentos, conhecimentos, técnicos, equipamentos, até sistema de informática que você vai utilizar para impulsionar todo o conhecimento da parte da educação. (E10).

[...] são os instrumentos mais os resultados, e o próprio saber mesmo (E11).

Tecnologia educativa são todos os recursos que utilizo para desenvolver a minha prática pedagógica, eu passo pelo conhecimento específico: de disciplina das atividades de metodologias até os recursos em relação ao uso de equipamentos de multimeios de material didático, então todas essas tecnologias que vou está utilizando para trabalhar com os alunos, então, eu vejo tecnologias como esses instrumentos e meios [...], utiliza a parte de comunicação do diálogo, da discussão, da conversação, do seminário, então a gente utiliza a tecnologia leve: da comunicação e informação. (E12).

Observando as falas dos sujeitos entrevistados, percebeu-se que, para alguns deles, em especial o entrevistado número doze, as tecnologias educativas empregadas conotam um reforço na decisão de aprender que não encerra

simplesmente no aluno, mas cria, intensifica e diversifica o desejo de apreender e de saber, através da utilização da tecnologia (leve) de comunicação e informação.

4.3.2 Construção do conhecimento

As tecnologias educativas, aplicadas à prática docente, são permeadas por relações políticas, culturais e ideológicas, no processo de construção social da educação, na sua práxis transformadora, numa sociedade de classes. A educação para a cidadania confere um instrumento fundamental para a democratização do acesso ao saber e, portanto, se torna relevante para minimizar as desigualdades sociais.

Moran *et al* (2001, p. 18), caracterizando a construção do conhecimento na sociedade da informação, afirma que o conhecimento não é fragmentado, mas interdependente, interligado, intersensorial. Conhecer significa compreender todas as dimensões da realidade, captar e expressar essa totalidade de forma cada vez mais ampla e integral. Conhecer mais e melhor conectando, juntando, relacionando, acessando o nosso objeto de todos os pontos de vista, por todos os caminhos, integrando de forma mais rica possível.

O mesmo autor afirma que pensar é aprender a raciocinar, a organizar logicamente o discurso, submetendo-o a critérios, como a busca de razões convincentes, inferências fundamentadas, organizações de explicações, descrições e argumentos coerentes.

[...] metodologia participativa que busca, assim, trabalhar a dinâmica de grupo e que esse grupo possa estar construindo conhecimento junto com o professor; [...] o relacionamento professor-aluno também é utilizado. (E2).

Priorizo a inter-relação educador e educando através de técnica de aprendizagem onde você valoriza o sujeito numa relação dialógica; [...] eu utilizo tecnologias mais criativas, tipo: elaboração de trabalhos com os alunos que eles possam utilizar a criatividade a exemplo de exibição de

painéis, discussão de casos, recursos áudio visuais também, utilização do data-show [...]. (E3).

[...] uso de filmes para poder estar construindo, refletindo sobre diversos conhecimentos [...]. Na prática a gente utiliza, por exemplo, construção do diário de campo que é muito interessante e possibilita uma reflexão desse aluno diante daquela situação vivenciada [...] aluno como é que esse aluno está construindo o seu conhecimento teórico e prático a partir daquela vivência prática, que reflexões ele faz não só como estudante de enfermagem, mas ele enquanto pessoa mesmo enquanto alguém que está se deparando com situações muito específicas e muito diferentes do seu cotidiano. (E7).

Nos discursos dos sujeitos dois, três e sete há uma preocupação com a educação de qualidade mais do que com o ensino de qualidade, o que é muito salutar. Segundo Moran (p. 12-13), o educador organiza, no ensino, uma série de atividades didáticas para ajudar os alunos a compreenderem áreas específicas do conhecimento (ciências, história, matemática). Na educação, o foco, além de ensinar, é ajudar a integrar ensino e vida, conhecimento e ética, reflexão e ação, enfim, ter uma visão de totalidade. Educar é ajudar a integrar todas as dimensões da vida, a encontrar nosso caminho intelectual, emocional, profissional, que nos realize e que contribua para modificar a sociedade que temos.

Outras realidades estão explícitas nas mensagens dos sujeitos estudados: o ser docente-educador comprometido com a vida, com a prática da liberdade, da dialogicidade, da ajuda aos discentes na construção de uma identidade pessoal e coletiva, do projeto de vida, no desenvolvimento de habilidades e competências, permitindo encontrar espaços pessoais, sociais e profissionais na perspectiva de tornarem-se cidadãos realizados e produtivos.

Eu gosto muito de [...] utilizar dinâmica de grupo e, principalmente, dinâmica de grupo voltada para dinâmica de leitura porque a partir daí a gente já vai construindo o conhecimento com os alunos, instrumentalizando os alunos com algum texto e a partir daí justamente com a experiência de vida deles, com a sua experiência você acaba construindo [...]. (E9).

[...] próprio conhecimento o conjunto de conhecimento que eu tenho em determinada área que eu domino sobre determinado objeto e através desse

conjunto de conhecimentos eu utilizo algumas técnicas educativas [...] buscando uma interação e uma articulação maior desses conteúdos para facilitar o aprendizado do aluno. (E10).

[...] a forma que intermedia essa relação com o aluno que está em formação porque primeiro a tecnologia leve possibilita a partilha do conhecimento, [...] discutindo com esse aluno possibilidades de visões diferentes de mundo, problematizando a realidade que ele vivencia e os outros recursos que você pode está utilizando a exemplo de situações problemas, e eles terem condições de visualizar, discutir. Então eu acho que é importante como um instrumento de construção de cidadania, de consciência mais ampla das questões de enfermagem da saúde. (E12).

Os sujeitos relatam a importância da relação com o aluno e da possibilidade da partilha do conhecimento no processo de construção da saber com a aplicação da tecnologia leve (comunicação e informação). Podendo também facilitar e problematizar os conteúdos na perspectiva que o alunado se instrumentalize para desvendar as questões da enfermagem e da produção dos serviços em saúde.

Os enfermeiros docentes entrevistados demonstraram sentimentos e preocupação com aprendizado do educando em enfermagem. Experiências, idéias, sonhos, o real e o imaginário, o presente e o passado com o olhar no futuro são elementos valorizados em suas práticas.

4.3.3 A possibilidade de determinar a práxis de enfermagem

O maior desafio é caminhar para um ensino e uma educação de qualidade, nos quais interagem todas as dimensões do ser humano. Para isso, precisamos de pessoas que façam essa integração em si mesma no que concerne aos aspectos sensorial, intelectual, emocional, ético e tecnológico, que transitem de forma facial entre a pessoa e o social, que expressem nas suas palavras e ações que estão sempre evoluindo, mudando, avançando.

Nos encontramos em processos desiguais de aprendizagem e evolução pessoal e social. Não temos muitas instituições e pessoas que desenvolvam formas avançadas de compreensão e integração, que possam servir como referência.

Predomina a média – a ênfase no intelectual, a separação entre a teoria e a prática (MORAN, 2001, p. 17 e 18).

No campo da educação, Moran *et al* (2001) ainda cita que teremos grandes dificuldades no gerenciamento emocional, tanto no pessoal como no organizacional, o que dificulta o aprendizado rápido.

A ética permanece contraditória entre a teoria e a prática. Os meios de comunicação mostram com freqüência como alguns governantes, empresários, políticos e outros grupos de elites agem impunemente. Muitos adultos falam em respeitar as leis, mas na prática se contradizem, deixando confusos os alunos e levando-os a imitar, mais tarde, esses modelos. A seguir, transcreveremos fragmentos de alguns relatos dos sujeitos com o objetivo de explicitarmos o exposto.

Primeiro, assim, você sabe que educar é você estimular o aprendizado, então para você estimular esse aprendizado, para você despertar essa visão crítica reflexiva do aluno você tem que motivar, você tem que trazer sempre coisas novas, [...] a gente dá o conteúdo e a gente sempre faz as visitas aos serviços para gente confrontar a teoria com a prática e também estimular o aluno a buscar [...] a visão daquele autor sobre o assunto e a maneira como ele trabalhou, então é importante, além de dar o conteúdo, estimular o aprendizado do aluno (E1).

[...] importância é a gente, assim, é dinamizar mesmo todo esse processo. O processo, assim, de relação professor com aluno; é você valorizar o conhecimento que o outro tem, [...] trabalhar de forma participativa valorizando o conhecimento que o outro tem também, quando utilizar também uma abordagem mais diretiva, uma exposição; [...] o enfermeiro, ele pode trabalhar dessa forma vendo os recursos que ele tem e tentando trabalhar com esses recursos e as pessoas, de modo que não fique aquela coisa, assim, diretiva, não é só ele que tem o conhecimento, mas que ele possa, assim, estar construindo com os outros. Também acho que esse é o melhor aprendizado e reconhecer que esse processo sempre a gente aprende, não é acabado, nunca vai ser que ele possa estar realmente, a equipe toda sabendo dialogar, construir, valorizar os recursos que tem, descobrir e criar, acima de tudo. (E2).

Quando você utiliza tecnologias diversas no processo de ensino aprendizagem, você permite que o seu interlocutor o seu aluno ele participe de forma mais efetiva no processo de construção do conhecimento [...]. De forma coletiva é que existem hoje tecnologias que fazem com que a gente possa socializar uma gama de conhecimentos no curto espaço de tempo, [...] você pode também fazer com que esse aluno acesse informações das mais diversas universalidades através da utilização da Internet, que é uma

tecnologia de aprendizado educativa. Então eu acho que a forma coletiva é a velocidade, a dinâmica em que o conhecimento chega mais rápido. (E3).

As dificuldades para mudar o campo da educação colocado por Moran (2001) têm propriedade e são muito importantes na determinação da prática profissional. Os docentes enfermeiros que são sujeitos deste estudo, conforme os seus depoimentos, consideram importante a aplicação de tecnologias educativas como possibilidades de criar elementos que ajude no desenvolvimento da prática social do enfermeiro.

Os docentes, em seus relatos, mostraram ser pessoas maduras, intelectuais entusiasmados, abertos para o diálogo e com habilidade para a motivação. Docentes que, uma vez em contato com os discentes, têm grande possibilidade de enriquecê-los. É possível notar nas falas essas características dos sujeitos. Este fato é muito bem exposto por alguns de nossos informantes:

O objetivo seria de facilitar a aprendizagem, trazer o aluno à participação, motivar a participação à aprendizagem o interesse e, com isso, com certeza essa eu acredito que seja a importância, pelo fato de que estando o aluno motivado, ele vai buscar, vai se interessar em aprender e conseqüentemente em aplicar. (E4).

O enfermeiro, ele é preparado também para educar, então é superimportante todas essas técnicas que ele possa lançar mão e também está atualizado, isso é importante. (E 5).

[...] e isso favorece tanto a mim, no momento em que eu estou passando para eles, como o aprendizado não só do tema em discussão, mas também como ele vai aplicar depois. (E 6).

Demonstra conhecimento e, ao mesmo tempo, está atento ao que não sabe, ao novo. Valoriza as práticas do futuro, como serão aplicadas. Ensina que da incerteza pode surgir uma certeza provisória, dando lugar a um conhecimento novo, a novas descobertas. Ensina a relativizar, a valorizar a diferença e aceitar o provisório. Observe os discursos a seguir:

[...] a depender da forma como ela esteja utilizada, eu acho que traz uma contribuição muito grande (...), vejo que dá essa possibilidade para esse indivíduo. Enquanto sujeito de troca para ele fazer reflexões muito importantes relacionadas a essa vivência no campo da enfermagem, e ele também enquanto cidadão, eu vejo [...]. Assim, dessa forma, há uma construção mais efetiva. Quando a gente utiliza desses instrumentos, possibilita essa reflexão. (E7).

[...] e esses métodos, uns mais que os outros, eles provocam o desenvolvimento individual, o potencial que o indivíduo tem, aquilo que ele traz, a habilidade que ele tem para chegar àquele conhecimento de forma mais dinâmica e não tão exaustiva [...], essencialmente ele é um educador antes de ser um enfermeiro e para isso ele precisa ter habilidades para se comunicar e ensinar e para ele ter essa habilidade ele precisa ser trabalhado. (E8).

Esse tipo de prática, eu entendo que ele promove uma maior autonomia do profissional. Nós estamos formando futuros gerentes, futuros líderes, um profissional que a gente entende, que também detém o conhecimento [...] nessa emancipação profissional durante a sua formação, ele precisa já ser estimulado a estar passando, tomando as suas próprias decisões em cima do próprio conhecimento, vão ficar somente reproduzindo técnicas ou orientação. (E9).

[...] a própria profissão de enfermagem, por ela trabalhar com um objeto complexo que é a vida e a saúde do ser humano e está sempre trabalhando uma realidade muito complexa, dinâmica, ela muda constantemente, eu creio que essas tecnologias venham como facilitador para a gente estar buscando a apreensão desse objeto, sujeito que é o indivíduo em suas determinações sociais. (E10).

[...] utiliza tecnologia para você trocar esse conhecimento, quanto melhor você utilizar e utilizar no momento certo e adequado para o curso de enfermagem [...] o resultado disso dentro desse processo como resultado será o enfermeiro mais inserido no contexto social relacionando tudo aquilo. (E11).

Segundo Moran (2001, p. 16 e 17), é importante termos educadores com um amadurecimento intelectual, emocional, comunicacional e ético, que facilite todo o processo de aprendizagem. Pessoas abertas, sensíveis, humanas, que valorizem mais a busca ao resultado pronto, o estímulo que à repressão, o apoio à crítica, capazes de estabelecer formas democráticas de pesquisa e de comunicação.

Os gestores de cursos na área de saúde devem ser mais abertos, entendendo todas as dimensões que estão envolvidas no processo pedagógico. Devem dar apoio aos professores inovadores, que equilibrem os gerenciamentos

empresariais, tecnológicos e o humano, contribuindo para que haja um ambiente de maior inovação, intercâmbio e comunicação.

Um dos grandes desafios para o educador é ajudar a tornar o conhecimento significativo, compreendê-lo de forma cada vez mais abrangente e profunda e torná-lo parte do nosso referencial.

O conhecimento, quando vivenciado, experimentado, sentido, quando relacionado, estabelecendo vínculos e laços, integrando-o em um contexto, dando-lhe significado, encontra um novo sentido e facilita a aprendizagem, como demonstra este depoimento:

[...] durante a formação do aluno e na sua prática pedagógica, se você se manter sem discutir as coisas sem criticidade, se você leva esse aluno a refletir sobre as ações e articular o teórico com a vivência da realidade. [...] buscar essas transformações dele, não ser um assujeitado, mas ser um sujeito da ação dele, a gente precisa ter esse professor que problematize a partir da realidade que utiliza tanto a tecnologia leve de estar trabalhando com a comunicação, informação [...] tem que dar conta do objeto do cuidar e dar conta do gerenciar o cuidar, de se relacionar nos espaços da instituição com outros profissionais, porque ele é um sujeito social, não é só um sujeito técnico, ele é um sujeito que vai ser enfermeiro, vai ser trabalhador da saúde, vai ser um próprio produtor do meio de trabalho dele [...], a forma como você trabalha em sala de aula nas práticas, nos estágios, na relação dele com os outros profissionais, com outros membros da equipe, você pode estar tanto levando ele para uma direção ou estar levando ele para ser um indivíduo que vai estar buscando a sua emancipação, seu crescimento. (E12).

É importante destacar que, na nossa prática docente, precisa-se criar uma nova consciência sobre os vastos e complexos modos de aprender ou de acesso ao conhecimento, talvez seja o melhor caminho centrar o foco no aluno e entender como funciona esta autodidaxia para adequar métodos e estratégias de ensino e assegurar que não se percam de vista as finalidades maiores da educação, ou seja, formar o cidadão competente para a vida em sociedade, o que inclui a apropriação crítica e criativa de todos os recursos técnicos à disposição dessa sociedade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na presente pesquisa teve-se como objetivo principal analisar como as tecnologias educativas se apresentam no curso de Enfermagem da UESC e identificar as formas como as tecnologias educativas estão inseridas no processo de ensino. E, ainda, buscou-se compreender e discutir as facilidades e dificuldades da aplicabilidade das tecnologias educativas na construção social da educação na práxis transformadora.

O que vimos ficando bem caracterizado ao analisarmos as falas dos sujeitos no que tange às políticas de ensino superior, é que há um reflexo importante nas práticas de ensino superior, determinando influências no bom andamento do curso. Determinada pela ofensiva neoliberal que caracteriza uma forma de intervenção do Estado a partir de uma dimensão compensatória de lidar com as carências e com os problemas sociais, a política educacional de ensino superior, como partes das políticas sociais, tem sofrido inúmeras transformações de crise nos planos econômico, social, ideológico, ético-político e educacional.

Os docentes vivenciam a queda da qualidade do ensino, as instituições públicas não conseguem oferecer um mínimo de estrutura para os seus clientes se beneficiarem com um ensino de qualidade. Dessa forma, os professores, autores e atores da educação, muitas vezes estão preparados para oferecer um melhor padrão de ensino aos alunos, mas não conseguem pela inviabilidade dos serviços oferecidos na instituição.

Quando buscamos entender a compreensão dos docentes acerca da concepção de tecnologia, as mentalidades reveladas em suas falas nos fizeram perceber que tal entendimento, na maioria das vezes, afasta-se da compreensão de

tecnologia ligada ao saber e ao conhecimento, o que pode afetar profundamente o processo de construção de princípios estabelecidos e consolidados na prática da enfermagem. Princípios esses como o de submissão à prática assistencial médica, que não só atrasa a conquista da autonomia e emancipação do profissional da enfermagem como também não permite sustentação na sua consolidação no novo paradigma da saúde, que podemos caracterizar como uma prática social, vivenciada por todos os indivíduos e grupos sociais, influenciando e interferindo no dia-a-dia das pessoas.

A prática do ensino da enfermagem, com base no que foi exposto e analisado nas entrevistas dos docentes da área, permitiu-nos chegar a uma categorização, conforme indicativo de alguns autores (WALL, 2001; NIETZSCHE, 2000; BELLONI, 2001), de que o uso da tecnologia educativa ou da comunicação educacional constitui como uma ferramenta pedagógica importante na produção da cultura do ensino das competências e das habilidades, em se tratando de uma profissão com tantas peculiaridades como é o caso da enfermagem, que emprega e conota um reforço na decisão de aprender que não se encerra simplesmente no aluno, mas cria, intensifica e diversifica o desejo de apreender e de saber, através da utilização dessa nova ferramenta pedagógica.

A partir do entendimento que os sujeitos estudados revelaram, no tocante às atitudes, comportamentos e representações coletivas de uma prática, a tecnologia educativa se caracteriza como uma técnica de grande significação na possibilidade da construção de um profissional de enfermagem capaz de estabelecer relações a partir das experiências vividas em suas atividades e, com isso, construir seu ambiente de vida, liberto de qualquer prática dominante.

A prática docente é permeada por relações políticas, culturais e ideológicas, no processo de construção social da educação, o que certamente determina o seu exercício como cidadão numa sociedade de classes.

A educação para a cidadania confere um instrumento fundamental para a democratização, do acesso ao saber e, portanto de uma ação cultural a serviço da libertação dos homens, de modo que poderá funcionar como uma ação histórica que, conscientemente, se apresente como uma ferramenta de superação da própria cultura alienada e alienante.

Acreditamos que a graduação de enfermagem da UESC, como as de outras instituições, ainda está em construção para atender as expectativas da sociedade contemporânea, contudo, já se apóia em pressupostos das novas diretrizes curriculares de enfermagem aprovadas recentemente, que congrega elementos de possibilidades da aprendizagem humana, em que profissionais e clientela possam garantir um processo de auto-aprendizado.

Será possível reverter o processo de construção social da profissão em busca de uma identidade própria, sem o enfrentamento das mentalidades se posta e vividas por seus exercentes? Acreditamos que não. Quaisquer modificação e formação do enfermeiro que não considere a questão do rompimento do paradigma vigente do ensino-apredizagem para o aprender a aprender, implicarão, simplesmente, em uma mudança de roupagem.

Entretanto, este é um estudo de abordagem qualitativa e exploratória, evidenciando pistas para novas pesquisas. Assim, achamos viável a ampliação desse estudo a outras instituições de ensino, com vista a validar ou não os nossos resultados que, sem sombra de dúvida, apontam uma para uma visão profissional um tanto restrita. No entanto, este trabalho tem a finalidade e a pretensão de tentar

contribuir, ainda que modestamente, para que os cursos de graduação em enfermagem tenham acesso efetivamente a uma educação de qualidade com todas as ações educacionais disponíveis, ou seja, uma comunicação livre e sem preconceitos, para que possa contribuir para a formação de uma identidade profissional mais autônoma.

Diante do exposto, sentimos a necessidade de fazer algumas recomendações para o curso de Enfermagem da UESC:

- a) A necessidade de um contínuo engajamento dos docentes na luta pelos direitos da categoria e de um ensino público, gratuito e de qualidade;
- b) A criação de um grupo de estudos e investigação dos processos tecnológicos ligados à expressão criativa da enfermagem, ou seja, à produção de um saber procedente de uma investigação científica, marcado pela ousadia de criar, formando um caminho que possibilita a ampliação da concepção de tecnologias e de potenciais talentos criativos;
- c) O recurso de um programa de Educação a Distância na graduação e pós-graduação disponível para ser incorporado na formação dos profissionais de enfermagem, encurtando as distâncias e facilitando as relações entre o aluno e o objeto a ser aprendido.
- d) E, ainda, a implantação de um programa de educação permanente que atenda a real necessidade social envolvendo a universidade e os serviços do sistema de saúde.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, C. S. **As enfermeiras egressas da UESC e sua atuação nos serviços de saúde de Itabuna**. 1998. 157 f. Dissertação de mestrado – UFBA/UESC, 1998, 157p.
- ANNAIS DE ENFERMAGEM, v. 1, n. 1, p. 5, maio 1932. Editoriais da REBEn: expressão da vida da enfermagem brasileira. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 55, n. 3, p. 293-301, maio-jun. 2002.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luis Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: 70, 1977. 225 p.
- BELLONI, M. L. **O que é mídia-educação**. Campinas (SP): Autores Associados, 2001.
- BELLONI, M. L. Da Tecnologia à Comunicação Educacional. **22ª Reunião Anual da ANPED**, 2001. p. 1-19.
- BACKES V. M. S.; NIETZSCHE, E. A.; CAMPONAGARA, S.; FRAGA, R. da S.; CERZER, R. de C. A Educação Continuada dos Alunos Egressos: Compromisso da Universidade? **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 55, n. 2, p. 200-204, mar./abr. 2002.
- CAMPOS, G. W. de S. **Um método para análise e co-gestão e de coletivos: a constituição do sujeito, a produção de valor de uso e a democracia em instituições: o método da roda**. São Paulo: Hucitec, 2000.
- CHAUÍ, M. de S., **Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1990.
- DEBREY, J. C. de A. A Tecnologia educacional no Contexto da Globalização neoliberal capitalista da Pós-Modernidade. **Fragmento da Cultura**, Goiânia, v. 7 n. 27, p.199-216, 1997.
- D'EL-REY D. C. H.; Paradigmas de Educação em Saúde. **Àgere: Revista de Educação e Cultura**, Salvador, v. 2, p. 53-61, 2000.
- DEMO, P. **Conhecimento e aprendizagem na nova mídia**. Brasília: Plano, 2001.
- DILLY, C. M. L; JESUS, M. C. P. **Processo Educativo em Enfermagem: das concepções pedagógicas à prática profissional**. São Paulo: Robe, 1995, 190p.
- FACEIRA, L. da S. A política educacional no contexto neoliberal. **Revista Universidade e Sociedade**, Sindicato Nacional dos docentes das instituições do ensino superior, Brasília, n. 1, p. 77-83, fev. 1991.
- FAZENDA, I. (Org.), **Metodologia da pesquisa educacional**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1994.
- FIALHO, F. A. P., **Introdução às ciências da cognição**. Florianópolis: Insular, 2001.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GERMANO, R. M. **Educação e ideologia da enfermagem no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1985.

- GONÇALVES, R. B. M. **Tecnologia e organização social das práticas de saúde:** características tecnológicas do processo de trabalho na rede estadual de centro de São Paulo. São Paulo: Hucitec, 1994. 278p.
- GONZÁLEZ, J. Y.; MOREIRA, M. A. El Final de lãs Certezas. La Formación Del Professorado ante la Cultura Digital. **Revista de Educación y Médios**, n. 10, 1998.
- GRASEL, D., Qualidade e melhoria do ensino superior brasileiro. **Revista Universidade e Sociedade**, Sindicato Nacional dos docentes das instituições do ensino superior, Brasília, n. 1, p. 84-94, fev. 1991.
- LEOPARDI, M. T. **Processo de trabalho em saúde:** organização e subjetividade. Florianópolis: Papa-Livros, 1999.
- LUNARDI, V. L. **História da enfermagem:** rupturas e continuidades. Pelotas: UFPel, 1998. 74p.
- MANZOLLI, M. C. **Formação do enfermeiro:** contribuição da psicologia. São Paulo: Satvier, 1985.
- MINAYO, M. C. S.; SANCHES, O. **Quantitativo-qualitativo:** oposição ou complementaridade. Rio de Janeiro: Caderno de Saúde Pública, v. 9, n. 3, jul./set. 1993. p. 239-262.
- MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. 6. ed. São Paulo: HURITES, 1999.
- MORAN, J. M. **Novas tecnologias e mediação pedagógica.** Campinas (SP): Papyrus, 2000.
- MOTTA, J. I. J.; BUSS, P.; NUNES, T. C. M. Novos desafios educacionais para a formação de recursos humanos em saúde. **Olho Mágico**, v. 8, n. 3, p. 4-8, set./dez. 2001.
- NAKAMAE, D. D. **Novos caminhos da enfermagem:** por mudanças no ensino e na prática da profissão. São Paulo: Cortez, 1987.
- NIETZSCHE, E. A. **Tecnologia emancipatória:** possibilidade ou impossibilidade para a práxis de enfermagem. Ijuí: Unijuí, 2000. 360p.
- NIETZSCHE, E. A.; LEOPARDI, M. T. O saber da enfermagem como tecnologia: a produção de enfermeiros brasileiros. **Texto e Contexto Enferm.**, Florianópolis, v. 9, n. 1, p. 129-152, jan./abr. 2000.
- NIETZSCHE, E. A.; LEOPARDI, M. T. Tecnologia emancipatória: uma perspectiva de transformação da práxis de enfermagem. **Texto e Contexto Enferm.**, Florianópolis, v. 9, n.1, p. 25-41, jan./abr. 2000.
- OLIVEIRA, C. C. de. Desenvolvimento aprendizagem e os novos parâmetros curriculares nacionais. **Ágere:** Revista de Educação e Cultura, Salvador, v. 2, p. 25-42, 2000.
- OLIVEIRA, N. S. **Educação continuada e permanente em enfermagem:** participação do enfermeiro. 2001, 116f. Dissertação de mestrado – UESC-UFBA, 2001.
- PEDUZZI, M.; ANSELMINI, M. L.; O processo de trabalho de enfermagem: a cisão entre planejamento e execução do cuidado. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 55, n. 4, p. 392-398, jul./ago. 2002.

PERRENOUD, P. **Dez novas competências para ensinar**. Tradução de Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

RESOLUÇÃO n. 196/96 sobre pesquisa envolvendo seres humanos. **IESUS**. v. 2 abr./jun. 1996.

REZENDE, A. L. M. **Saúde**: dialética do pensar e do fazer. São Paulo: Cortez, 1986, 159p.

SENA, R. R. Novas Tecnologias de Ensino: desafio e potencialidade. **Olho Mágico**, v. 6 n. 21, p. 7-8, maio 2000.

TONOLLI, E. A. S.; NAGEL, L. H. A crise da enfermagem: recuperando questões. **Ciência, cuidado e saúde**, Universidade Estadual de Maringá. v. 1, n. 1, p. 17-21. sem. 2002.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução a Pesquisa em Ciências Sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

UNESCO. Conferência mundial sobre a educação superior. Paris, 1998.

WALL, M. L. **Tecnologias educativas**: subsídios para a assistência de enfermagem em grupo. Goiânia: AB, 2000.

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO

Livre e esclarecido.

Fui informado(a) que esta pesquisa trata-se de um estudo realizado como exigência do curso de Mestrado em Mídia e Conhecimento, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que terá como técnica de coleta de dados, a entrevista semi-estruturada, que será gravada em fita cassete e, transcrita a seguir, pelo próprio pesquisador a fim de que possa ser apreciada posteriormente por mim, enquanto sujeito colaborador dessa pesquisa, compreendendo também que poderei confirmar as informações contidas e até acrescentar outras que julguem necessárias.

Expresso, através deste, a minha aceitação em participar como sujeito da pesquisa intitulada “AS TECNOLOGIAS EDUCATIVAS: um estudo da prática docente do curso de Enfermagem”, de autoria do Mestrando Carlos Vítório de Oliveira, a qual poderá utilizar-se do conteúdo de minhas informações para fins científicos, sem, contudo, desrespeitar o meu direito à privacidade, através do sigilo quanto às informações confidenciais.

Foi-me esclarecido que neste estudo tenho o direito de, como sujeito da pesquisa, recusar-me a participar dela, ou, tendo aceito e assinado este termo, o direito de retirar o meu consentimento em qualquer de suas fases, sem que eu seja submetido a qualquer penalização.

Diante dos esclarecimentos que me foram feitos, assino juntamente com o pesquisador este termo de consentimento, em de de 2003.

ANEXO B – ROTEIRO PARA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

I. IDENTIFICAÇÃO DO SUJEITO

Sexo

Instituição formadora

Titulação acadêmica

Tempo de formação

Tempo de docência

Disciplina ministrada

II. CONCEPÇÕES GERAIS DO EDUCADOR

1. O que você entende por tecnologia?

2. Qual a sua concepção de tecnologia educativa?

3. Dentre as muitas e variadas formas de tecnologias educativas, quais as mais utilizadas na sua prática de ensino?

4. De que forma você as aplica?

5. Qual a importância da aplicação das tecnologias educativas para a construção individual e social na formação do enfermeiro?

6. Quais as dificuldades e ou facilidades da aplicação das tecnologias educativas no processo ensino-aprendizagem?